

REFORMADOR

Revista de Espiritismo Cristão

Fundada em 21-1-1883 por

Augusto Elias da Silva

Ano 120/ Novembro Nº 2.084

ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA

Deus, Cristo e Caridade

Direção e Redação
Rua Souza Valente, 17
20941-040 Rio RJ Brasil



www.febrasil.org.br
feb@febrasil.org.br

Editorial – Somos Imortais

Controle da Natalidade – Juvanir Borges de Souza

Organizações do Mal – Manoel P. de Miranda

O Bem e o Mal

Presença de Chico Xavier – O Problema da Cremação – Irmão X
Em torno de uma Mensagem de Pascal – Inaldo Lacerda Lima

Implicações da Mediunidade – Militão Ferreira dos Santos

Morte e Vida – Mário Frigéri

Jeus no Horto – Richard Simonetti

Terapia da Recuperação – Passos Lírio

Esflorando o Evangelho – Edificação do Reino – Emmanuel

O Espírita e os Problemas Sociais – José Carlos Monteiro de Moura

A FEB e o Esperanto – Congresso da Associação Universal de Esperanto no Brasil – Ismael de Miranda e Silva

FEB Departamento de Infância e Juventude – IV Encontro Nacional de Diretores de DIJ

A Oração – Mauro Paiva Fonseca

Entrevista: Juan Antonio Durante – O Espiritismo na Argentina

Eutanásia: Ato abominável, Crime hediondo... – Rogério Coelho

Hora Extrema – Auta de Souza

Fluidos e Campos – Sérgio Thiesen

O Homem e a Morte – José Cirilo Chagas

A Figura de Comunicação de Francisco Cândido Xavier – Artur da Távola

Os Adolescentes e a Família

Seara Espírita

Tema da Capa: SOMOS IMORTAIS! É o tema da capa deste mês, sintetizando a mensagem de esperança e consolo que o Espiritismo traz, ao comprovar a sobrevivência da alma.

Editorial

Somos Imortais

ADOUTRINA ESPÍRITA NOS ENSINA QUE SOMOS ESPÍRITOS IMORTAIS, SUBMETIDOS ÀS LEIS DIVINAS, EM PROGRESSIVO PROCESSO DE APERFEIÇOAMENTO, E QUE, COM A MORTE DO CORPO FÍSICO, O ESPÍRITO “VOLVE AO MUNDO DOS ESPÍRITOS, DONDE SE APARTARA MOMENTANEAMENTE”

E ONDE “CONSERVA A INDIVIDUALIDADE.”¹

Não é só em razão dessa observação dos Espíritos Superiores que estamos convictos da nossa imortalidade, mas também em virtude da constatação de fatos com os quais convivemos. As comunicações ocorridas nas sessões mediúnicas, os acontecimentos em que uma observação mais aguda evidencia a presença e a interferência dos Espíritos, e os fatos que a ciência comum analisa, como os fenômenos de “quase morte”, ou dos quais se utiliza, como a terapia das vivências passadas, ratificam a convicção de que somos seres imortais evoluindo através de sucessivas reencarnações.

Esta convicção de imortalidade provoca, naturalmente, uma revisão na escala de valores que utilizamos em nossa existência, como observa Allan Kardec.² Os valores materiais, incluindo o corpo físico, que a Providência divina nos concede para uso temporário, são importantes, reclamando adequada administração. Os valores espirituais, todavia, representados pelos conhecimentos, experiências e virtudes adquiridos, mostram-se prioritários, pois, embora sujeitos ao aperfeiçoamento constante, integram o Espírito em caráter permanente.

A certeza na própria imortalidade tem reflexos em nossa vida comum. Quantas pessoas, principalmente jovens, poderiam evitar o comprometimento com as drogas, a violência, a morte e o próprio suicídio, se aceitassem que são imortais. Por outro lado, quanta paz pode ser construída, baseada na convicção da indestrutibilidade pessoal e do próximo, programando uma existência voltada à prática das leis morais – das quais se destaca a Lei de Amor –, que representam o caminho do nosso progresso espiritual. Quanta paz decorre, ainda, da confiança de que nossos entes queridos também continuam a existir depois da morte física, preservando os laços de afeição que nos unem.

Somos seres imortais, em progressivo e irreversível processo de aperfeiçoamento. Divulguemos esta verdade e vivamos como tal!

¹ *Livros Espíritos (O)* – Questões 149 e 150.

² *Evangelho segundo o Espiritismo (O)* – Cap. II – 5 – O ponto de vista.

Controle da Natalidade

JUVANIR BORGES DE SOUZA

As questões relacionadas com o controle da natalidade surgiram com o aumento desproporcional entre as populações e os meios de subsistência e do bem comum, implicando em problemas econômicos e sociais.

Para não recuar muito na História, grande parte das correntes migratórias para as Américas tiveram como causa principal, a partir do século XVII, os excessos de população, conjugados com outros fatores.

Em 1803, Thomaz Robert Malthus (1766-1834), economista inglês e ao mesmo tempo religioso ligado à Igreja Anglicana, formulou célebre teoria econômica, baseada em observações colhidas na Noruega, Suécia, Finlândia, norte da Rússia, França, Suíça e na própria Inglaterra, pela qual preconizava abertamente o controle do aumento da população.

Esse sistema se fundamenta no princípio de que as populações crescem em progressão geométrica, enquanto os meios de subsistência crescem em progressão aritmética, resultando daí um desequilíbrio fundamental entre o total da população e a quantidade de alimentos disponíveis.

Para restabelecer o equilíbrio, preconizava Malthus, além dos fatores que denominava repressivos naturais – mortes prematuras pelas doenças, guerras, miséria – certos *obstáculos preventivos* para reduzir o número de nascimentos, entre os quais a proibição de casamentos entre pessoas incapazes de procriar filhos sãos, ou de educá-los e sustentá-los.

Em época mais recente, não deixaram de ser controle de natalidade, da pior espécie, por sinal, as medidas tomadas pelo Governo Nazista da Alemanha, visando à eugenia da raça, baseadas em falsos princípios científicos e com adoção de métodos esterilizantes, de que foram vítimas os judeus e os portadores de determinadas doenças.

Modernamente, com a explosão demográfica no mundo inteiro, muito especialmente nos países em desenvolvimento, da Ásia, da África e da América Latina, a questão do controle da natalidade vem constantemente à baila, como uma das soluções para problemas críticos de difícil abordagem.

São julgadas excessivamente altas as taxas de 2,6% de crescimento anual das populações da América Latina, como exemplo.

Sem maiores recursos, os governos se vêem impotentes para a solução dos problemas da alimentação, habitação, transporte, saúde, educação (instrução), agravados pelo atraso intelectual e moral e pelo desemprego, atingindo as classes sociais menos favorecidas, justamente aquelas em que o índice de natalidade é o mais elevado.

São milhões de criaturas marginalizadas pela miséria.

A região Nordeste do Brasil oferece triste quadro das condições de vida de grande parte da população, agravadas pelas secas periódicas, de todos conhecidas.

Como se vê, é um problema complexo o do controle da natalidade, interessando não só aos governos e às populações, havendo implicações científicas, especialmente da Sociologia e da Medicina. Por outro lado, pelos aspectos éticos e morais que o problema encerra, as religiões não podem ficar à margem de tão importante questão. O Espiritismo não poderia deixar de contribuir para o esclarecimento do problema, seu e-

quacionamento racional, para que as soluções não sejam parciais, nem injustas, nem inadequadas.

Têm-se alvitrado diversas soluções para o excesso de população. Algumas baseadas no arbítrio dos governos, com desrespeito à liberdade individual. Outras com base em descobertas de medicamentos e aplicação de métodos, visando a não procriação. A Igreja posiciona-se contra quaisquer métodos impeditivos da natalidade que contrariem a natureza. Para ela, qualquer planejamento há de partir de métodos naturais.

De uma forma geral, excetuada a Igreja, a influência maior que se tem notado parte da concepção materialista da vida. O problema só é focalizado do ponto de vista da vida física, dos interesses do bem-estar do corpo físico.

Quando muito, pensa-se em soluções científicas para problemas extremamente complexos, envolvendo questões econômicas, sociais, de educação, de liberdade, de direitos humanos reconhecidos universalmente.

O pensamento materialista, limitado por si mesmo, não pode representar a solução para toda a extensão do enorme problema.

Por outro lado, as religiões tradicionais, partindo do princípio de uma só existência e da criação do Espírito no momento do nascimento, têm uma visão deformada da criatura e de seus interesses como Espírito.

Precisamos encarar o homem, na Terra, como o Espírito eterno em busca da própria evolução, qualquer seja sua condição: rico, pobre, negro, branco ou amarelo, instruído ou ignorante.

A doutrina da reencarnação mostra, por outro lado, que ele viveu e viverá muitas vezes na Terra em diferentes condições.

O renascimento na Terra é, portanto, lei divina que precisa ser respeitada.

Isso não quer dizer que nos entreguemos, estáticos, à vida, nos seus múltiplos aspectos.

Pelo contrário, o Criador deu ao homem inteligência, raciocínio, razão justamente para enfrentar os inúmeros problemas vivenciais.

Vivemos um momento de transição em que talvez não sejam encontradas as soluções ideais para este problema e para outros, igualmente cruciais, mas temos de lutar com denodo para encontrar as melhores soluções possíveis.

Uma coisa é essencial: nós espíritas, devemos fazer todo esforço para demonstrar o obscurantismo de uns, o negativismo de outros e o primitivismo das idéias materialistas, correntes que querem influenciar na solução dos problemas sem o conhecimento das causas e das realidades.

Podemos recorrer à Ciência, sim, apoiar o que seja justo e equânime, desde que as indicações não contrariem os princípios da Doutrina Espírita.

Vamos recordar umas poucas questões respondidas pelos Espíritos Instrutores, em *O Livro dos Espíritos*, que nos dão um norteamento seguro no encaminhamento das soluções do problema do controle da natalidade.

Na resposta à questão 693 está expresso que “Deus concedeu ao homem, sobre todos os seres vivos, um poder de que ele deve usar, sem abusar. Pode, pois, regular a reprodução, de acordo com as necessidades. Não deve opor-se-lhe sem necessidade” (...).

Na questão 687 está claro que Deus provê para que haja equilíbrio entre a população crescente e os meios de subsistência.

Nesta resposta dos Espíritos está um dado esclarecedor que não foi considerado pela teoria de Malthus. Não havia percebido o economista que o avanço da Ciência vai conseguindo aumentar extraordinariamente os meios de produção de alimentos e de utilidades.

A Revolução Industrial, já iniciada no tempo de Malthus, na própria Inglaterra, é uma comprovação da sabedoria dos Espíritos Instrutores.

O desenvolvimento da agricultura, no terreno da técnica, dos insumos, da genética, etc. é outra prova.

Agora, vejamos o que responderam os Espíritos à questão 930:

“Numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo, ninguém deve morrer de fome.”

Esse ensino, claro no contexto doutrinário, induz-nos a refletir mais a fundo na questão da limitação da natalidade, quando se invocam fatores socioeconômicos e miséria para limitar os nascimentos.

Não estará havendo, de parte dos detentores do poder governamental, das riquezas, dos favorecidos pelo poder econômico, uma autodefesa, uma preservação do feroz egoísmo humano, em detrimento dos pobres e dos miseráveis?

...

O Espiritismo respeita a liberdade individual.

Por isso não pode aceitar a obrigatoriedade de não procriar.

Não aceita os processos abortivos, por atentarem contra a vida e a vida é o primeiro de todos os direitos, como está expresso na questão 880 de *O Livro dos Espíritos*.

Reconhece que existem multidões de Espíritos aguardando a reencarnação.

Mas não ignora que a natalidade descontrolada, onde impera a ignorância e a miséria dos pais é um problema complexo, que precisa ser enfrentado pelo esclarecimento dos pais e pelo amparo aos filhos, numa programação familiar de *educação integral*, visando o *homem espiritual*, não somente o “homem econômico”.

Planejamento familiar deve ser entendido em sentido amplo, compreendendo esclarecimento, conhecimento, amparo social e espiritual.

Numa palavra, planejamento familiar deve ser entendido dentro do contexto maior do planejamento social, onde haja a preocupação com o Espírito e com o corpo, cooperação de todos, trabalho para todos, educação para todos.

Enxergar somente os acontecimentos do plano físico é tipicamente agir dentro do materialismo, que não tem condições de entender o problema sob todos os ângulos em que se apresenta.

Há necessidade premente de educação espiritual.

Os alvitreiros da Ciência precisam ajustar-se ao que já se conhece da alma e do mundo espiritual, revelado pelo Consolador.

O esclarecimento da criatura com orientação segura, sem atentar contra as leis da vida, é o melhor atendimento e contribuição que o Espiritismo pode oferecer.

É preciso que todos tenham noção das leis divinas de causa e efeito, de ação e reação, da reencarnação e de todas as leis morais ensinadas pela Doutrina Espírita.

Não podemos aceitar que estudos científicos de alcance limitado sobre alguns ângulos do problema, ou princípios religiosos fora da realidade imanente, dêem a última palavra e estabeleçam decisões que acabam agredindo a Lei Maior.

...

A questão envolve interesses materiais e espirituais.

Sua solução demanda coragem.

Além da subsistência, é importante considerar a educação para todos. *Educação*, e não somente instrução.

É preciso pensar na saúde física e espiritual com a educação moral.

Há problemas sociais correlacionados, como habitação, trabalho e emprego, bem-estar, para todos.

O ideal é que não haja generalizações absolutas, mas que cada caso seja estudado de per si, para solução tanto quanto possível individualizada, para que o livre-arbítrio de cada um seja respeitado, sem prejuízos para terceiros.

A Ciência precisa conjugar-se à moral evangélica.

Devemos partir do princípio de que o controle da reprodução não deve ser feito para satisfazer baixos apetites e ampliar os gozos descontrolados.

Deve ser aplicado o controle para dar à maternidade e à paternidade melhores condições, físicas e espirituais, para que os Espíritos reencarnantes, mesmo os que se encontram em desalinho, tenham uma oportunidade de minorar seus problemas.

Dos meios e métodos anticoncepcionais uns são inteiramente inaceitáveis – é o caso dos abortamentos, salva a hipótese de proteção da vida da mãe.

As pílulas anticoncepcionais, os dispositivos intra-uterinos, as injeções de depósito e outros métodos, a nosso ver, deveriam ficar a critério de cada casal, *desde que o casal tenha condições morais e espirituais* para decidir, consciente de que há implicações espirituais muito sérias a serem ponderadas. Em todos os métodos há agressão para a mãe.

Seria preciso o conhecimento pleno das verdades que o Espiritismo proporciona, a respeito do Espírito antes da reencarnação, e da sua necessidade de reencarnar.

Se não há esse conhecimento toda aplicação de métodos só visará interesses imediatistas no campo material – o que continuará a ser uma lástima. ●

Organizações do Mal

Transferidos do corpo somático para a Erraticidade inferior os Espíritos perversos e cruéis, desde há milênios, dominados pelo primarismo que os caracteriza, vêm criando Organizações do Mal, nas quais se homiziam aqueles que se demoram no ódio e no rancor, em alucinadas tentativas de combater o programa do Bem na Terra.

Enlouquecidos pelos propósitos inferiores que agasalham, investem contra todas as atividades de enobrecimento que objetivam conduzir o planeta a um estágio mais elevado, ao mesmo tempo, combatendo com vigor e crueza aqueles que se transformam em instrumentos superiores da Vida.

Tornando-se adversários voluntários da edificação do *reino dos Céus* na Terra, a sua tem sido a luta inglória e sem possibilidade de êxito a que se atiraram através dos tempos, renascendo em grupos de sicários da Humanidade e desencarnando até quando o amor compassivo de Deus os recambia às expiações dolorosas e reeducadoras.

Os missionários e apóstolos de todas as épocas sofreram-lhes a pertinácia, não havendo sido exceção os guias do pensamento, da arte, do conhecimento, da ciência, dos diversos ramos do progresso humano.

Não poucos tombaram nas suas ciladas odientas, sucumbindo antes de cumprirem o ministério para o qual vieram. Muitos enlouqueceram sob a rudeza e constância da sua inspiração infeliz. Inumeráveis se deixaram arrastar a situações indignas, derapando em conúbios hediondos de vulgaridade ou se tornando algozes da sociedade, de grupos, de pessoas que lhes caíram desprevenidas nas mãos...

Acreditando-se poderosos, esses Espíritos do mal, ainda doentes e ignorantes da supremacia das Leis, procuram competir com Deus ou com Jesus, que detestam, sem que se dêem conta que estão incluídos nos desígnios sublimes da evolução e que as suas possibilidades são relativas ao grau de inferioridade dos seres humanos com os quais intercambiam.

Pensando realizar o que lhes apraz, não obstante são instrumentos da Justiça Divina, fazendo que se ajustem aos deveres muitos outros Espíritos igualmente doentes, que já se encontram em fase de recuperação e de crescimento interior. Certamente o Pai não necessita, em razão dos incomparáveis recursos de que dispõe, todavia, porque se prestam ao mister, realizam, sem que o percebam, os objetivos superiores da Criação.

Dessas Organizações saíram homens e mulheres que fomentaram guerras, intrigas sórdidas, crimes hediondos, realizando no planeta a materialização de Instituições e Partidos voltados para o mal, de Entidades e Movimentos que assinalaram o processo terrestre com as marcas da crueldade, da anarquia, do absurdo sofrimento imposto aos demais seres...

Assinalados pelo desequilíbrio em que se asfixiam, transferem para os seres humanos reencarnados, que invejam e malquerem, os dardos do ódio e da tirania, trabalhando com assiduidade na sevícia que pretendem aplicar em todos aqueles que estão distantes do seu infame contato.

A criatura humana não se encontra sem a proteção de Mais Alto, ficando à mercê da perversidade desses algozes espirituais inditosos. Sucede, porém, que a hipnose da matéria faz que haja maior soma de afinidade com o egoísmo e seus sequazes, do que com o amor e seus cômpanes, sintonizando com as faixas grosseiras do mundo espiritual e os seus habitantes.

São os considerados demônios ou satanases das lições evangélicas, as forças do mal, a sombra que acompanha o ser, o negativo da vida, os obsessores... Todos Espíritos criados por Deus, ainda afeiçoados ao crime e à desídia, transitoriamente aguardando a oportunidade de crescimento no rumo da Grande Luz que a todos nos atrai.

Cultores, incontáveis, da inteligência e do raciocínio rápido, não desenvolveram os sentimentos que dão valor ao conhecimento, permanecendo nas áreas do processo evolutivo sem emotividade, portanto, dominados pelos propósitos inferiores que demonstram o absurdo da cultura que se divorciou dos valores éticos ensandecendo-os.

Hábeis na arte brutal de confundir e de perturbar o raciocínio daqueles que se lhes vinculam, são geradores de polêmicas inúteis ou grosseiras, nas quais predominam a agressividade e até mesmo o crime como forma de desforço pessoal, imiscuem-se psiquicamente nos grupamentos humanos, dando força ao desequilíbrio que destrói as mais belas edificações da fraternidade e da esperança, graças, porém, àqueles que lhes dão guarida.

Reencarnam-se muitos periodicamente para se tornarem a *chibata que zurze o sofrimento sobre o dorso da Humanidade*, enquanto outros se demoram multissecularmente nas paisagens sombrias e terríveis onde estagiam.

Organizam-se com imensa astúcia, arrebanhando outros recém-desencarnados para os seus grupamentos, nos quais a hipnose e os métodos persuasivos mais vigorosos são utilizados para dominar mentes e sentimentos que passam a servi-los com submissão.

Em face dos recursos mentais de que dispõem e à perseverança nos propósitos soezes que mantêm, acompanham os idealistas e servidores da Verdade com planos macabros que esperam converter em realidade, acalentando o desejo de eliminá-los a qualquer preço.

Dispondo de outra dimensão de tempo, aguardam que as suas vítimas em potencial depereçam no ânimo, experimentem desencanto, sofram circunstâncias menos felizes, provem da taça da amargura ou do desprazer, se apresentem enfermas ou fragilizadas para as influenciarem, criando situações embaraçosas umas e falsas outras, assim afastando-as dos compromissos assumidos e caindo nas malhas das redes da sua astúcia.

Utilizam-se de todos os motivos ou agem mesmo que sem motivo algum, desde que possam levar adiante o infame projeto de combate contra o Amor Total, insinuando-se, atirando pessoas inescrupulosas contra os heróis da bondade e do esforço moral, recrutam indivíduos de má índole para os sitiarem, usam de métodos sórdidos para envolvê-los, produzindo psicofera pestífera que asfixia quem se permite entrar em sintonia com as suas sutis insinuações.

Suavemente ou pela violência atiram-se contra aqueles que consideram inimigos, que devem ser vencidos, e acreditam insanamente na vitória que esperam conseguir.

Ninguém se acredite isento desse sítio nefando das Organizações do mal, que procedem da Erraticidade inferior .

Analisando as próprias deficiências, o discípulo do Evangelho e servidor da Verdade, ou o idealista que ambiciona tornar melhor o mundo, mantenha-se em vigília constante, a fim de não ser fascinado pelo canto mentiroso das suas sugestões falsas, que são o início da tormenta que logo mais desabará.

Precatem-se na oração e na ação da caridade, vivenciem o perdão e a fraternidade, cultivem o amor e a tolerância, resguardando-se das insinuações da maledicência, do ressentimento, do amor-próprio ferido, do melindre, de todos esses facinoras morais que permanecem em a natureza humana, observando as *nascentes do coração*, e, sem desanimar nunca, avancem, os trabalhadores de Jesus, convidados à Sua seara nesta *última hora*, absolutamente confiantes no êxito da reencarnação na qual se encontram.

O Bem é sempre o grande vencedor.

Jesus é o Herói da cruz e da crueldade.

Ensinou-nos, em advertência, a pedir ao Pai que nos livre do mal, que reside em

nós ou que vem atraído por nós, a fim de conseguirmos alcançar o Calvário libertador que se coroará de luzes após vencida a etapa do processo evolutivo em que todos nos encontramos.

Manoel P. de Miranda

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, na noite de 8 de fevereiro de 2002, em reunião mediúnica do Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.) •

O Bem e o Mal

Ensinamentos dos Espíritos a Allan
Karrdec, nas questões 630 e 642
de *O Livro dos Espíritos* (Ed. FEB).

630. *Como se pode distinguir o bem do mal?*

“O bem é tudo o que é conforme à lei de Deus; o mal, tudo o que lhe é contrário. Assim, fazer o bem é proceder de acordo com a lei de Deus. Fazer o mal é infringi-la.”

642. *Para agradar a Deus e assegurar a sua posição futura, bastará que o homem não pratique o mal?*

“Não; cumpre-lhe fazer o bem no limite de suas forças, porquanto responderá por todo mal *que haja resultado de não haver praticado o bem.*”

Presença de Chico Xavier

O Problema da Cremação

Observando o Plano Espiritual a celeuma de muitas cidades, em torno da incineração dos cadáveres, a ser estabelecida por lei, reparamos que o assunto não é realmente para rir.

De um lado, temos os legisladores preocupados com a terra dos cemitérios e, de outro, determinadas autoridades eclesiásticas lançando a censura sobre os responsáveis pelo movimento inovador. Entre os atores da peça, vemos os defuntos de amanhã, sorridentes e bem-humorados, apreciando a pugna entre a religião e a edificação.

Aqueles, como nós, que já atravessaram a garganta da sombra, seguem a novidade com a apreensão das pessoas mais velhas, à frente dum parque de crianças.

O problema da cremação do corpo, realmente, deveria merecer mais demorado estudo nos gabinetes legislativos.

Há muito caminho por andar, antes que o homem comum se beneficie com a verdadeira morte.

A cessação dos movimentos do corpo nem sempre é o fim do expressivo transe.

O túmulo é uma passagem especial, a cujas portas muitos dormem, por tempo indeterminado, criando forças para atravessá-las com o precioso valor.

Morrer não é libertar-se facilmente.

Para quem varou a existência na Terra, entre abstinências e sacrifícios, a arte de dizer adeus é alguma coisa da felicidade ansiosamente saboreada pelo Espírito, mas para o comum dos mortais, afeitos aos “comes e bebes” de cada dia, para os senhores da posse física, para os campeões de conforto material e para os exemplares felizes do prazer humano, na mocidade ou na madureza, a cadaverização não é serviço de algumas horas. Demanda tempo, esforço, auxílio e boa vontade.

Por trás da máscara mortuária, muitas vezes, esconde-se a alma inquieta e dolorida, sob estranhas indagações, na vigília torturada ou no sono repleto de angústia.

Para semelhantes viajores da grande jornada, a cremação imediata do comboio fisiológico será pesadelo terrível e doloroso.

Eis, por que, se pudéssemos, pediríamos tempo para os mortos.

Se a Lei Divina fornece um prazo de nove meses para que a alma possa renascer no mundo com a dignidade necessária, e se a legislação humana já favorece os empregados com o benefício do aviso prévio, por que razão o morto deve ser reduzido à cinza com a carne ainda quente?

Sabemos que há cadáveres, dos quais, enquanto na Terra, estimaríamos a urgente separação, entretanto, que mal poderá trazer aos vivos o defunto inofensivo, sem qualquer personalidade nos cartórios?

Não seria justo conferir pelo menos três dias de preparação e refazimento ao peregrino das sombras para a desistência voluntária dos enigmas que o afligem na

retaguarda?

Acreditamos que ainda existe bastante solo no Brasil e admitimos, por isso, que não necessitamos copiar apressadamente costumes em pleno desacordo com a nossa feição espiritual.

Meditando na pungente situação dos recém-desencarnados, observo quão longe vai o tempo em que os mortos eram embalados com a doce frase latina: “Requiescat in pace.”

Não basta agora o enterro pacífico! É imprescindível a apressada desintegração dos despojos! E se a lei não for suavizada, com as setenta e duas horas de repouso e compaixão para os desencarnados, na laje fria de algum necrotério acolhedor, resta aos mortos a esperança de que os saltitantes conselheiros da cremação de hoje sejam amanhã, igualmente, torrados.

Irmão X

(Do livro Escultores de Almas, recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier, Espíritos Diversos, edição CEU, 1987.)

•

Em torno de uma Mensagem de Pascal

INALDO LACERDA LIMA

A mensagem constante do item 9, capítulo XVI, de *O Evangelho segundo o Espiritismo* sob o título *A Verdadeira Propriedade* é assinada pelo Espírito Pascal e foi recebida em Genebra no ano de 1860. Porém, antes de nos determos sobre o teor dessa mensagem, vejamos quem foi Pascal na vida material, segundo a *Enciclopédia Mérito*, em seu 15o volume, p. 43.

Blaise Pascal viveu na França, no século XVII, pois encarnou em Clermont Ferrand em 19 de junho de 1623 e desencarnou em Paris a 19 de agosto de 1662, com apenas 39 anos, como se fora a luz de um meteoro. Portanto, temos o dever de considerá-lo um dos maiores gênios da Humanidade, quando nos reportamos a algumas de suas extraordinárias obras e realizações. E é muito importante que as mencionemos, com vistas ao conhecimento de companheiros espiritistas ainda incipientes no estudo da Doutrina Espírita, porque são fatos que auxiliam o estudioso na compreensão da evolução espiritual.

Pascal, aos 11 anos de idade – criança ainda! – escreveu seu primeiro livro: um Tratado sobre o Som. 11 anos, apenas! Mas não ficou nisso. Aos 12 anos deduziu, sozinho, os princípios essenciais da geometria de Euclides (325 a.C.), outro gênio do passado, filho da velha Grécia; aos 16 anos, já na quadra dourada da adolescência, e quando se definia como grande físico e matemático, escreve mais um Ensaio, dessa vez sobre as Cônicas; nessa mesma época também se revela inventor, e apresenta ao mundo de seu tempo a primeira prensa hidráulica; a seguir, realizou e desenvolveu importantes estudos matemáticos sobre as leis das probabilidades, estudos esses, no entanto, que só vieram a se completar em 1658, aos 35 anos, através de seu célebre *Tratado do Triângulo Aritmético*, celebrizado mais tarde como Triângulo de Pascal. Blaise Pascal notabilizou-se, ainda, como o inventor da máquina de calcular, concebida aos 19 anos de idade!

Pascal não foi, todavia, apenas matemático. Foi, ao mesmo tempo, físico, filósofo, inventor e escritor. Em seu *Sistema Filosófico* chegou a declarar que “a Ciência é impotente para chegar à esfera da Religião e que a experiência da fé cristã pode vir a ultrapassar o ponto em que a pesquisa científica se choca com o inexplicável, o único de verdadeiro interesse para o homem”. (Destacamos.) Para ele o único ponto de real interesse para o homem era o *inexplicável*. E em sua época o Espiritismo ainda não viera ao mundo. Hoje, com a fé cristã espírita encarando frente a frente a razão, já nada há inexplicável!

Em sua mensagem apresentada por Allan Kardec em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Pascal é de uma elucidação profunda e sábia a respeito da verdadeira propriedade. Coincidentemente, no momento em que digitávamos este artigo, a esposa nos chama a tomar conhecimento de um quadro enfocado na televisão, no Jornal da Globo, a respeito da miséria em nosso País. Informava a reportagem que cerca de um milhão e meio de crianças passam fome no Brasil. Enquanto isso, além daqueles que possuem fortunas imensas “estacionadas” egoisticamente em bancos, há os que

conseguem desviar para si próprios milhões e milhões de reais das instituições sociais administradas pelo Estado!...

Diante de fatos tão tristes, meditemos sobre as seguintes informações e advertências do autor espiritual da mensagem a que nos estamos referindo: *“O homem só possui em plena propriedade aquilo que lhe é dado levar deste mundo. (...) não tem das suas riquezas a posse real, mas, simplesmente, o usufruto. Que é então o que ele possui? Nada do que é de uso do corpo; tudo o que é de uso da alma: a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais.”*

Como gostaríamos de poder falar ao coração dos que concentram milhões inutilmente em suas mãos: – Ó ricos do mundo, por que não refletis sobre tão seriíssimas informações que, na verdade, nos induzem a meditar sobre aquele Manual de Luz que é o Evangelho que Deus nos mandou através do Cristo?!

Atentemos para a advertência final da mensagem de Pascal, falando da longa viagem a que estamos todos sujeitos um dia, neste nosso plano material, e a respeito de nossa entrada compulsória na vida espiritual: *“Em vão alegará que antes de partir da Terra pagou a peso de ouro a sua entrada no outro mundo [o Espírito parece querer referir-se, aqui, ao tempo em que se vendiam propriedades no Céu!]. Responder-lhe-ão: Os lugares aqui não se compram: conquistam-se por meio da prática do bem. Com a moeda terrestre, há podido comprar campos, casas, palácios; aqui, tudo se paga com as qualidades da alma. És rico dessas qualidades? Sê bem-vindo e vai para um dos lugares da primeira categoria, onde te esperam todas as venturas. És pobre delas? Vai para um dos da última, onde serás tratado de acordo com os teus haveres.”*

À época em que o Missionário da Terceira Revelação codificava-a para a Humanidade de seu tempo e do futuro, Pascal continua, então na pátria espiritual, naquela mesma condição do extraordinário filósofo que conhecemos através de suas obras e das atividades que exercera na Terra. Vale a pena refletir: Por que tanta miséria em nosso tão pequeno planeta, principalmente num país tão grande e tão rico de possibilidades como o Brasil? Que justificativas encontramos para um milhão e meio de crianças famintas, segundo a reportagem da TV? Do ponto de vista material e sociológico, apenas uma: a predominância do egoísmo, que Emmanuel declara, no capítulo XI, item 11, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, tratar-se de uma verdadeira chaga que dificulta a felicidade deste pequeno mas tão formoso planeta, e que só o afeia, por enquanto, a conduta do homem.

Diante dessas advertências, indagamos: – Que dizeis vós, ricos da Terra, que ostentais fortunas em contas bancárias, em terras, em propriedades, etc., que não levareis deste mundo? Será que, em favor de vosso bem-estar espiritual, não valeria alguma coisa refletirdes a respeito?!..

•

Implicações da Mediunidade

MILITÃO FERREIRA DOS SANTOS

A mediunidade não é boa nem má; é neutra. O uso que fizermos dela, sim, é que poderá conduzir-nos às esferas psíquicas mais elevadas, se esse uso for mesmo dedicado ao próximo, indistintamente, como nos ensina *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec.

A mediunidade poderá jogar-nos no abismo, complicando a nossa caminhada evolutiva, se não obedecermos aos ensinamentos evangélicos. Por isso, é muito grande a responsabilidade dos que a praticam.

O médium precisa ter boa conduta, ser dotado de qualidades morais exemplares, possuir humildade e estar sempre em contato com todas as obras da Codificação Kardequiana. O medianeiro que não estuda a Doutrina Espírita fica sujeito à estagnação, retardando seu progresso. Além disso, precisa evitar os perigos do exercício da mediunidade, tais como: vaidade, ambição, falta de perseverança no bem, maledicência e julgar-se indispensável.

Deve também extinguir preocupações, impressões negativas que se relacionam com a mediunidade, assim como “combater as manifestações mediúnicas que veicula, reprimindo, quanto possível, respiração ofegante, gemidos, gritos e contorções, batimentos de mãos e pés ou quaisquer gestos violentos”, conforme ensina André Luiz em *Conduta Espírita* (Ed. FEB, cap. 4).

Que estes ensinamentos ora recordados possam servir para nós, porque, como lutadores nas tarefas mediúnicas, sentimos grandes dificuldades em pôr tudo isso em prática.

Comprendemos que a mediunidade não constitui um privilégio mas sim, uma grande responsabilidade. •

Morte e Vida

MARIO FRIGÉRI

“Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará.” Paulo (Efésios, 5:14).

Desperta, ó tu que dormes, Levanta-te de entre os Mortos

I

A alma é um ser vivente
Que no corpo humano habita;
Na alma a vida é infinita,
Mas no corpo é impermanente.

Cada existência finita
É um elo de ampla corrente,
Que gera o elo da frente,
Enquanto o espírito dormita.

Aos homens está ordenado
Morrerem uma vez só.
Claro, em cada encarnação...

Desperta, então, Ser amado!
Transcende a corrente e o pó!
Jesus é libertação!

II

À luz do divino Amor
Não há morte, Alma querida.
Quem ama, disse o Senhor,
Já passou da morte à vida!

Vendo, em celeste transporte,
Jesus ressurreto em glória,
Pergunta São Paulo: – Ó Morte,
Onde está tua vitória?

Se queres do Cristo a Paz,
Segue em frente, mãos no arado,
Delindo caminhos tortos.

Não turbes quem fica atrás:
Deixa aos mortos o cuidado
De enterrarem os seus mortos!

E o Cristo Te Iluminará!

III

Após tanto auto-abandono,
Passa agora, Alma liberta,
Da consciência de sono
À consciência desperta!

Acorda e fica de pé!
Estes dois passos são teus.
O terceiro, à luz da fé,
É apanágio de Deus.

Já nutrem tua alma enormes
Visões de celestes portos,
Quais invisível maná?

Desperta, então, tu que dormes,
Levanta-te dentre os mortos:
JESUS TE ILUMINARÁ!

Jesus no Horto

RICHARD SIMONETTI

Mateus, 26:36-56

Marcos, 14:32-52

Lucas, 22:40-53

João, 18:1b, 2-12

Após transmitir as derradeiras instruções, na famosa ceia pascal, Jesus retirou-se com os discípulos para o Monte das Oliveiras, nas proximidades de Jerusalém, onde passariam a noite.

Ali chegando, recomendou-lhes:

– *Sentai-vos aqui enquanto vou ali orar. Orai também, para que não entreis em tentação.*

Levou Simão Pedro e os dois filhos de Zebedeu, Tiago e João.

Segundo o relato evangélico, Jesus sentiu imensa angústia, verdadeira agonia. E falou aos três companheiros:

– *Minha alma está triste até a morte. Ficai aqui e velai comigo.*

Afastou-se, à distância de um arremesso de pedra, uns trinta ou quarenta metros.

E orou:

– *Meu Pai, se é possível, afasta de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres. Faça-se não a minha, mas a tua vontade.*

Voltou e encontrou os três discípulos adormecidos.

Dirigiu-se a Pedro:

– *Simão, tu dormes? Não pudeste vigiar uma hora comigo!? Por que dormis? Levantai-vos! Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; pois o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca.*

Afastando-se, reiterou, em oração:

– *Meu Pai, se não é possível passar de mim esse cálice, sem que eu o beba, faça-se a tua vontade.*

Tornou a encontrar os discípulos adormecidos.
Afastou-se pela terceira vez. Repetiu a rogativa.
Novamente diante dos discípulos, que ainda dormiam, despertou-os:

– Dormis agora e descansais? Basta! Eis que chegou a hora e o Filho do Homem será entregue nas mãos dos pecadores. Levantai-vos! Vamos! Eis que chegou o que me entrega.

...

Sempre encarei com perplexidade a agonia de Jesus, no Getsêmani.
Figura maior da Humanidade, nosso grande mentor, o Espírito mais puro que já transitou pela Terra, poderia Jesus ter fraquejado justamente no momento do grande testemunho?

Entendo hoje que em sua atitude não havia temores ou dúvidas. Estava perfeitamente consciente do que aconteceria e o que lhe competia fazer.

Apenas exprimia a compaixão por todos aqueles que estariam envolvidos em sua morte, e também pelos que desertariam, fugindo ao testemunho.

Não lamentava o mal que lhe fariam.

Sofria pelo comprometimento dos maldosos.

É como a mãe que vê o filho cometer desatinos.

Não a afligem os maus tratos dele.

Chora pelo mal que o infeliz faz a si mesmo.

...

Há outros aspectos importantes, a começar pela oração, pedindo a Deus que, se possível, afastasse o cálice.

Beber o cálice significa enfrentar dissabores.

Em variadas situações da jornada humana somos convidados a sorver amargo conteúdo:

- Um temível diagnóstico de câncer.
- A urgente e delicada cirurgia.
- A morte de um ente querido.
- A ligação afetiva que se rompe.
- O empreendimento que não dá certo.
- Inesperada demissão de um emprego.
- O desastre financeiro.

Delineia-se uma situação complicada, difícil, tormentosa...

Será lícito pedir a Deus que afaste o cálice?

Sem dúvida! É o nosso Pai!

Consideremos, entretanto, com o Mestre:

Há o direito de pedir ao Senhor que afaste o cálice.

Mas há o dever de nos submetemos à vontade divina.

Nem sempre o cálice pode ser evitado.

Principalmente em relação aos processos cármicos, em que a Vida cobra por nossos deslizes, haveremos de tomá-lo, quer queiramos ou não.

Se Deus permite é porque precisamos da experiência.

Em tal contingência, a submissão é abençoado adoçante.

Quando aceitamos o inexorável, tudo fica mais fácil.

Melhor: o cálice de amarguras, quando sorvido sem sentimentos negativos, favorece o nosso crescimento espiritual.

...

Um médico descobriu que estava com câncer.

Revoltado, pensou em matar-se.

Em contato com o Espiritismo, criou coragem para enfrentar a provação. Conseguiu vencer a doença. Curou-se.

A experiência dolorosa curou também seu espírito de velhas mazelas, abrindo novas perspectivas.

E dizia:

– Eu era egoísta, frio com os pacientes, preocupado apenas em ganhar dinheiro, comerciante da Medicina. O câncer me deu um pouco de humanidade. Hoje sou sensível ao sofrimento alheio. Envolve-me com os pacientes. Vejo neles não cifrões, mas seres humanos que precisam de minha solicitude, de meu carinho. Sei agora como isso é importante.

...

O outro aspecto importante desta passagem evangélica diz respeito ao incontável sono dos discípulos.

Por três vezes Jesus lhes pediu que orassem, e eles dormiram.

O Espírito é forte, mas a carne é fraca, explica o Mestre.

Temos aqui o embate entre a condição humana e o ser imortal, sem dúvida, o grande desafio que enfrentamos na Terra.

No Drama do Calvário, Jesus alcançou a vitória do Espírito sobre a carne. Os discípulos frustraram-se com a vitória da carne sobre o Espírito.

Nesse contexto, a advertência de que os grandes testemunhos da existência envolvem a solidão.

Na intimidade de nossa consciência, sorveremos nosso cálice sozinhos, ainda que cercados de amigos e familiares.

É como o condenado que cumpre pena numa prisão. Os familiares mandam cartas, vão visitá-lo, demonstram seu carinho, sua solidariedade, mas ele está sozinho.

O mesmo acontece com o doente, preso ao leito, experimentando as agruras de sua situação. A família o cerca, mas ele sorve em solidão o seu cálice, na intimidade da própria consciência.

...

Pouco depois, uma multidão invadiu o Jardim das Oliveiras.

Eram guardas, desordeiros e curiosos.

Traziam lanternas, archotes, espadas, paus e armas. Vinham dispostos à luta, se preciso, a mando do judaísmo dominante.

À frente de todos, Judas.

A senha para identificar Jesus – um beijo. Era costume que os aprendizes beijassem seus mestres.

Naquele momento, o que era uma manifestação de respeito transformava-se em sinistra senha de identificação.

Após o beijo, Jesus adiantou-se diante dos guardas:

– *A quem procurais?*

– *A Jesus, o nazareno.*

– *Sou eu.*

Ao impacto de sua força magnética, os soldados parecem inermes.

Jesus reitera:

– *A quem procurais?*

– *A Jesus, o nazareno.*

– *Já vos disse que sou eu. Mas se é a mim que procurais, deixai então estes irem.*

Os discípulos e acompanhantes de Jesus ensaiam uma reação. Simão Pedro toma uma espada e fere um dos servos do sumo-sacerdote, de nome Malco, cortando-lhe a orelha direita.

Questiona-se o uso da espada. Seria totalmente fora de propósito um instrumento de agressão nas mãos de um discípulo de Jesus. Provavelmente era um facão, que se presta a muitas utilidades, no campo.

Oportuno considerar, ainda, que embora todos os evangelistas tenham se reportado àquela agressão, somente no Evangelho de João vem a citação nominal do agressor. Seria Pedro, realmente?

Jesus contém o grupo:

– *Basta! Embainha a tua espada, pois todos os que lançarem mão da espada morrerão pela espada. Ou pensais que não posso rogar a meu Pai e Ele me enviaria e colocaria à minha disposição, neste momento, mais de doze legiões de anjos? Não beberei o cálice que o Pai me deu? Como, pois, se cumprirão as Escrituras, segundo as quais assim deve acontecer?*

A expressão “quem com ferro fere, com ferro será ferido” tem sua origem nas palavras de Jesus, enunciando um dos princípios básicos da Doutrina Espírita – a Lei de Causa e Efeito.

A vida sempre nos cobrará por nossas defecções, trazendo-nos de volta as conseqüências de nossos desatinos.

Jesus raciocina com propriedade dizendo que se quisesse, como já o fizera tantas vezes, escaparia à sanha de seus adversários com a proteção divina. Mas tinha consciência de que o momento era de testemunho.

Num gesto de compaixão, bem típico de seu comportamento, restaurou a orelha do soldado. E reiterou sua vocação para a brandura, dizendo àqueles que o prendiam:

– *Viestes como a um ladrão, com espadas e paus, para prender-me? Cada dia, estando convosco, eu me sentava no Templo ensinando, e não me prendestes. Mas esta é a vossa hora e o poder das trevas para que se cumpram as Escrituras dos profetas.*

...

Enquanto os discípulos debandavam, um jovem, que provavelmente morava nas proximidades, acordou com o barulho. Envolto num lençol, dispôs-se a acompanhar Jesus. Entretanto, apavorou-se diante dos guardas. Largou a veste improvisada e fugiu nu.

Essa fuga patética deixa um simbolismo.

O lençol representa a crença religiosa que nos orienta.

Todavia, quando somos chamados a beber o cálice, quando surgem os grandes desafios e testes da existência, deixamos o lençol precário de nossas convicções e fugimos na nudez de nossas inferioridades.

•

Terapia da Recuperação

PASSOS LÍRIO

Se, entre as próprias lágrimas, encontras meio de estancar as do próximo...

Se, entre amarguras intensas, promoves a satisfação das necessidades alheias...

Se, entre padecimentos íntimos, angarias alívio para o sofredor anônimo...

Se, acossado por problemas complexos, favoreces a tranquilidade de alguém...

Se, sofrendo incompreensões acerbas, empreendes teu trabalho a favor dos necessitados...

Se, alvo de perseguições gratuitas, facilitas o reencontro entre inveterados e fígados adversários...

Se, com as faces sulcadas por lágrimas candentes, consegues descer ao dédalo obscuro das tristezas e esparges o perfume do otimismo...

Se, usufrutuário de recursos amoedados, consegues destinar um pouco aos que nada possuem de seu...

Se, defrontado pelos esgares de tenaz e implacável obsessão em algum dos seus entes queridos, perseveras em oração e ações pelos que te cruciam a alma...

Se, felicitado pelos fulgores de uma inteligência excepcional, sabes endereçar uma página de estímulo e conforto, de encorajamento e esperança, aos desajustados e sofredores...

Se, finalmente, bafejado pelas luzes e bênçãos balsâmicas da Doutrina Espírita, procuras colaborar, com lealdade e dedicação, para sua maior e melhor expansão em todas as camadas sociais...

Crê, meu Amigo, estás deveras no caminho certo e já podes considerar-te no rol dos que aguardam radical recuperação íntima, que se efetivará tanto mais rapidamente quanto maiores forem teus esforços em favor da felicidade alheia.

•

ESFLORANDO O EVANGELHO – EMMANUEL

Edificação do Reino

*“O Reino de Deus está no meio de vós.”
– Jesus. (Lucas, 17:21.)*

Nem na alegria excessiva que ensurdece.
Nem na tristeza demasiada que deprime.
Nem na ternura incondicional que prejudica.
Nem na severidade indiscriminada que destrói.
Nem na cegueira afetiva que jamais corrige.
Nem no rigor que resseca.
Nem no absurdo afirmativo que é dogma.
Nem no absurdo negativo que é vaidade.
Nem nas obras sem fé que se reduzem a pedra e pó.
Nem na fé sem obras que é estagnação da alma.
Nem no movimento sem ideal de elevação que é cansaço vazio.
Nem no ideal de elevação sem movimento que é ociosidade brilhante.
Nem cabeça excessivamente voltada para o firmamento com inteira despreocupação do valioso trabalho na Terra.
Nem pés definitivamente chumbados ao chão do Planeta com integral esquecimento dos apelos do Céu.
Nem exigência a todo instante.
Nem desculpa sem-fim.
O Reino Divino não será concretizado na Terra, através de atitudes extremistas.
O próprio Mestre asseverou-nos que a sublime realização está no meio de nós.
A edificação do Reino Divino é obra de aprimoramento, de ordem, esforço e aplicação aos desígnios do Mestre, com bases no trabalho metódico e na harmonia necessária.

Não te prendas excessivamente às dificuldades do dia de ontem, nem te inquietes demasiado pelos prováveis obstáculos de amanhã.

Vive e age bem no dia de hoje, equilibra-te e vencerás.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. Vinha de Luz, 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001, cap. 177, p. 369-370.

•

O Espírita e os Problemas Sociais

JOSÉ CARLOS MONTEIRO DE MOURA

1. Já se transformou em lugar-comum a afirmativa de que a Terra atingiu, atualmente, os mais elevados índices de violência e de desrespeito pelos autênticos valores humanos.

Todavia, a Humanidade, no curso de sua caminhada, nunca esteve livre da ameaça constante do crime, da guerra, da fome, da miséria, das moléstias, da ignorância, da licenciosidade, males que hoje fazem parte do cotidiano desta civilização.

Esses problemas nada mais são do que facetas ou aspectos da violência que acompanha o homem ao longo de sua romagem terrena. Da antiguidade aos dias atuais, ela tem sido uma constante na sua vida. Nem o Cristianismo, com a sua mensagem de amor e paz, conseguiu modificar a mentalidade sempre reinante no Planeta. As atrocidades cometidas por todas as civilizações do passado ganharam uma roupagem nova, porquanto passaram a ser justificadas por um pseudocaráter religioso, atrás do qual se escondiam os inconfessáveis interesses políticos dos poderosos da época. A princípio, serviu de motivo para as perseguições dos romanos, que viam nos cristãos uma ameaça ao todo-poderoso Império Romano. Transformou-se depois no mais terrível algoz de que se tem notícia na História e se revelou ao mundo através dos terríveis momentos das Cruzadas, da Inquisição, dos *santos massacres* e das guerras não menos santas, das perseguições periódicas ao povo judeu, e foram culminar com as monstruosidades dos asseclas de Hitler e com as ações terroristas.

A violência humana é congênita. Manifesta-se de todas as formas e em todos os tempos. Agressões físicas e morais, corrupção, despotismo e nepotismo, arbitrariedade, imoralidade e amoralidade, ganância pelo poder existiram ontem, tanto quanto hoje. Basta lembrar que a mesma águia que vinha à frente das legiões romanas, estava também nos estandartes nazistas e serve atualmente para simbolizar o poderio bélico

dos Estados Unidos, centralizado no Pentágono!

2. Ela, não obstante, é apenas uma das muitas formas em que se desdobra a agressividade. Luiz Miller de Paiva (*Crime: Tanatismo, Psicanálise-Psicossomática*, IMAGO Editora, Rio, 1981, p. 36) lembra que “a ‘fera dentro do homem’ dificulta a sua felicidade”. Sustenta, em face disso, que o homem é “o único ser capaz de se consagrar aos mais altos valores morais e éticos, mas precisa, para atingir os seus fins, de um mecanismo de comportamento filogenético adaptado; todavia, as propriedades animais (outra face desse mecanismo) trazem em si o perigo de que ele mate seu irmão convencido de agir assim no interesse desses mesmos altos valores”.

A violência de hoje é a mesma violência de ontem e será também a violência de amanhã, enquanto o habitante do Orbe não se libertar de seus defeitos milenares – herança trágica de vidas passadas –, que o impelem a mergulhar, cada vez mais, na ignorância, no egoísmo, no orgulho e na vaidade, fontes inesgotáveis de todos os males que o assoberbam. Na verdade, todos esses problemas podem ser atribuídos a uma única e exclusiva causa: a ignorância. O velho Sócrates já ensinava que “*virtude é ciência e só quem não conhece o bem, pratica o mal*”. E Jesus, há dois mil anos, dizia aos seus seguidores que o conhecimento da verdade os libertaria de todas as peias que os prendiam e ainda os prendem aos seus erros milenares (João, 8:32).

Kardec, da mesma forma que Rousseau, teve plena consciência dessa realidade e enfatizou a importância da educação, como o meio mais eficiente e o instrumento mais adequado para o combate à fera existente dentro do homem e que o transforma, segundo Hobbes, no lobo do seu semelhante.

3. A sociedade tem se mostrado perplexa e estarecida diante do número sempre crescente de infrações penais, da sofisticação dos meios empregados para a sua prática, da crueldade revelada por seus autores e, no caso dos famosos e costumeiros **escândalos**, das pessoas que deles participam.

Todavia, nada disso é novidade. Homicidas, estupradores, latrocidias, estorcionários (chamados erradamente de seqüestradores), estelionatários, pecula-tários, etc. cometeram, no passado, estes mesmos crimes, embora com nomes e enfoques diferentes. Suas condutas, que naquelas ocasiões não tinham como ser divulgadas, hoje, infelizmente, ocupam o espaço dos veículos de comunicação e fazem parte até dos hábitos e costumes sociais. Ademais, o aumento da população reencarnada devido às “últimas oportunidades” que muitos Espíritos estão tendo, implicou também o aumento do número de delinqüentes.

A criminalidade sempre crescente dos dias atuais é uma das mais evidentes formas de violência, que se manifesta, também, através de inúmeros outros meios e modos. Além das guerras, que ainda estão em moda, ela se revelava nos duelos, nas torturas, tanto como castigo quanto como *meio processual* para se obter confissões e informações, nos desumanos, cruéis e repugnantes modos de execução das penas de morte, muitos dos quais tinham por escopo “a maior glória de Deus”. Estava presente nos ferozes e perigosos torneios medievais, e ainda subsiste na brutalidade do box ou no perigo constante e iminente das corridas automobilísticas.

Isso tudo, sem se falar que, na Espanha e em alguns países colonizados por ela, o bárbaro espetáculo das touradas ainda arrasta para as arenas milhares e milhares de sanguinários adeptos. E o seu grande herói recebe o pomposo e retumbante título de “El Matador”!

Somente o duelo saiu de moda. No entanto, ele persiste na sociedade moderna sob a forma verbal, despertando e atraindo a curiosidade de considerável número de pessoas. Julgamentos pelo Tribunal do Júri ou discussões de projetos em Câmaras e

Assembléias Legislativas, sobretudo as de âmbito municipal, possuem considerável e fidelíssimo público. De igual forma, debates políticos pela televisão ou mesmo o noticiário jornalístico ganham um novo sabor, quando devidamente temperados por meia dúzia de ofensas e de desaforos.

4. Esses procedimentos retratam fielmente as diversas espécies de agressividade humana. Em todos eles, implícita ou explicitamente, observa-se o prazer e a satisfação pelo desrespeito ou pela ofensa ao direito alheio. Os participantes se sentem realizados e encontram neles a oportunidade de afirmar e reafirmar o seu orgulho e vaidade; os espectadores se identificam, muitas vezes, com os autores dos despau-térios ou das frases violentas, num iniludível extravasamento de seu sadismo represado e contido.

Por outro lado, certas práticas modernas, reconhecidamente inofensivas, nada mais são do que demonstrações desses sentimentos, como, por exemplo, os desfiles de escolas de samba ou de equipes esportivas que ganharam algum torneio ou troféu. Observadas as devidas proporções, há, nesses espetáculos, uma profunda semelhança com os desfiles das legiões romanas nas comemorações dos triunfos de seus generais. Allan Massie (*Os Senhores de Roma – César*, Ediouro, Rio de Janeiro, 2000, p. 110 e ss.) dá notícias desses eventos, em que não faltam os carros condutores dos heróis e os que trazem as alegorias relativas às batalhas vitoriosas. Aliás, foi em um desses carros que César resolveu legar à posteridade, escrita em letras de ouro, a célebre legenda: *“Vim, vi e venci”!*

5. Nos anos cinqüenta, quando o **desenvolvimento criminoso** ainda não havia atingido o seu estágio atual, o Ministro Nelson Hungria, o maior penalista brasileiro de seu tempo, deixou claro que a agressão ultrapassava em muito a noção rudimentar da violência física ou moral, definindo-a, para efeito de configuração da Legítima Defesa, como *“toda atividade tendente a uma ofensa, seja ou não violenta”* (Comentários ao Código Penal, Vol. I, Tomo II, Ed. Forense, Rio de Janeiro, 1958, p. 290) .

A elasticidade desse conceito harmoniza-se inteiramente com a seriíssima reprimenda de Jesus constante do Sermão do Monte, cuja repetição jamais será desnecessária: – *“Ouvistes que foi dito aos antigos: não matarás; mas qualquer que matar será réu de juízo. Eu, porém, vos digo que qualquer que [sem motivo], se encolerizar contra seu irmão, será réu de juízo; e qualquer que disser a seu irmão: Raca, será réu do sínédrio; e qualquer que lhe disser: Louco, será réu do fogo do inferno”* (Mateus, 5:21-22).

A época em que Hungria escreveu seus comentários poderia ser considerada, quando em cotejo com a de hoje, como a dos **anos românticos da criminalidade**. Era um período em que pontificavam os chamados “contistas”, especialistas dos diferentes golpes dos “contos do vigário”, “do pacote”, e de outros que variavam de acordo com a sua fecunda capacidade criativa. Raramente se ouvia falar em algum crime violento contra os costumes (estupro, atentado violento ao pudor) e, quando isso ocorria, o escândalo era enorme. O autor logo recebia a alcunha de “tarado”, além de ser visto como doente mental e portador do mais sórdido primitivismo. Hoje o estupro, embora incluído no rol dos crimes hediondos, não provoca o mesmo alarme e a mesma repulsa de tempos atrás.

Por outro lado, convive-se com traficantes de drogas e de armas, seqüestradores – que tecnicamente não são autores de seqüestro, mas de extorsão mediante seqüestro (artigo 159 e seus parágrafos, do Código Penal) – matadores de aluguel, etc. O crime já não mais se contém nos limites territoriais de um Estado, em face da sua globalização e de sua multinacionalização. Segundo Arnaud de Borchgrave, membro

do Centro de Estudos Internacionais Estratégicos, “a exemplo do que fizeram as empresas legítimas, as organizações criminosas internacionais também compreenderam as complexidades desse novo mercado global e se ajustaram a elas” (in *A Globalização do Crime*, Jeffrey Robison, Ediouro, Rio de Janeiro, 2001, p. 11). A gravidade do problema é de tal forma preocupante que, segundo o mesmo autor, a “*narcoeconomia passou a sustentar uma parte tão grande do Terceiro Mundo que o seu desmantelamento tem o risco de lançar o planeta no caos econômico e depressão globais*” (op. cit., p. 55).

Ademais, aquilo que se entendia como característico das camadas sociais mais desassistidas, ganhou também os gabinetes públicos ou particulares, alcançou a classe média e a classe alta, e recebeu a pomposa denominação de *criminalidade do colarinho branco*.

6. Diante desse quadro nada otimista, de que o Brasil participa ativamente, não se concebe mais a cômoda ou omissiva postura que muitos espíritas insistem em manter. Cruzam os braços e permanecem impassíveis à espera de que se cumpra a “profecia” anunciada por Humberto de Campos (*Brasil Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*). Um considerável contingente aguarda esperançoso que, de uma hora para outra, desapareçam do cenário social a violência, a criminalidade, as injustiças e todos os demais problemas que assoberbam a Humanidade. Com esse procedimento, tais companheiros dão a entender que as alterações que ocorrerão na Terra dependem, única e exclusivamente, do decurso de tempo, como se a prescrição aquisitiva ou usucapião das legislações humanas fosse também consagrada pelo ordenamento jurídico divino...

Mais do que nunca se torna oportuna a lembrança do primeiro item do capítulo XXV de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, “Ajuda-te a ti mesmo, que o céu te ajudará”, que, segundo Kardec, corresponde, do ponto de vista humano, à máxima evangélica “*Buscai e achareis*”. Isso implica dizer que o momento presente reclama uma atitude mais participativa dos espíritas no encaminhamento e nas soluções dos problemas sociais. O distanciamento que ainda existe entre o Direito e a Moral – aqui entendida nos termos da Parte Terceira de *O Livro dos Espíritos* – não lhes pode passar despercebido. Alguma coisa tem e deve ser feita, a fim de que o Direito não se transforme em instrumento de consagração e oficialização de condutas que agridam a lei natural, como, por exemplo, as uniões de pessoas do mesmo sexo (uniões civis homoafetivas).

Uniões dessa espécie significam um retrocesso lamentável a períodos históricos incompatíveis com a ética cristã e fazem retornar ao convívio da sociedade hábitos e costumes de ínfima moralidade, característicos de algumas civilizações da antiguidade, principalmente da Grécia. Trata-se, sem sombra de dúvida, de flagrante violência que se comete contra a natureza e que o Estado pretende legitimar.

Tal situação é apenas uma das muitas que estão a conclamar os espíritas a uma ação mais concreta dentro da sociedade a que pertencem, e por cuja melhoria têm a obrigação de lutar. Entretanto, esse objetivo jamais será alcançado, se o Espiritismo enveredar pelos sinuosos caminhos que conduzem aos mosteiros e aos conventos, nos quais, isolados do Mundo e em pretense contato com Deus, seus seguidores manter-se-ão em estado de prece permanente, enquanto aguardam que outros realizem a tarefa que lhes compete fazer. Como ele não comporta instituições dessa ordem, resulta como conseqüência irreversível a certeza de que seus seguidores não devem se dar por satisfeitos com o enclausuramento da Doutrina nos limites estreitos de suas agremiações. A expansão do Espiritismo, como recurso, remédio ou instrumento de renovação interior do homem e do grupo social é encargo que nenhum espírita verdadeiro pode desconhecer ou omitir, embora isso não importe em qualquer pretensão proselitista de sua parte.

7. A sugestão não significa nenhuma inovação no meio espírita. As recentes campanhas encetadas pela Federação Espírita Brasileira no tocante à valorização da vida e da família constituem um atestado eloqüente do que se pode fazer. Não é justo, contudo, deixar por conta exclusiva das entidades federativas trabalho de tamanha envergadura. Convém lembrar que, nos anos sessenta, o Congresso votou a Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961, que contém as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de notória e reconhecida deficiência. Essa lei recebeu a expressa repulsa dos meios espíritas, principalmente em face do seu caráter paternalista em relação à escola particular e aos interesses da Igreja Católica. Vários grupos e associações participaram de um movimento que propugnava pela sua rejeição, o que, infelizmente, não foi conseguido. Valeu, contudo, o esforço e o exemplo.

Não é apenas no campo das reformas legislativas que se faz necessária a presença dos espíritas. O direito vigente propicia-lhes inúmeras tarefas que, se bem cumpridas, poderão constituir um dos fatores positivos na luta contra a violência e a agressividade atuais. A Lei de Execuções Penais, por exemplo, contém um vastíssimo campo de ação. Essa lei estabelece a obrigatoriedade de três modalidades de assistência que apresentam íntima correlação com as atividades desenvolvidas pelo Espiritismo: a educacional, a social e a religiosa. Todas elas se enquadram, direta ou indiretamente, na área da evangelização. Não obstante, os espíritas têm se mostrado resistentes à atuação no sistema prisional, em virtude de certos entraves burocráticos, que poderiam ser afastados com um pouco de boa vontade e de persistência.

O tormentoso problema do egresso, regulamentado nos artigos 25, 26 e 27 da mesma lei, pode, também, receber uma efetiva ajuda e participação dos confrades, sobretudo quando se sabe das irremovíveis dificuldades que a sociedade cria para o antigo sentenciado que a ela retorna. Todavia, não temos conhecimento de instituições espíritas que se dediquem a esta tarefa.

A atuação junto a menores carentes constitui outro setor em que lhes é possível um concurso bastante eficiente. Trata-se, talvez, da arma mais eficaz na luta contra a criminalidade futura, porquanto poderá impedir que o jovem deixe de ser um criminoso em potencial para se transformar em um delinqüente real. Infelizmente, a sociedade somente se lembra dele a partir da hora em que comete uma infração, como salientou o advogado criminalista de São Paulo, Antônio Cláudio Mariz de Oliveira: *“O menor de rua só nos preocupa quando nos agride. Estivesse ele, passivamente, amargando suas trágicas condições de vida, nenhuma atenção mereceria”* (Estado de Minas, 8 de fevereiro de 2002).

8. A dura realidade do crime organizado, da violência institucionalizada com que convive a sociedade, da licenciosidade e das aberrações da natureza, estas últimas típicas de uma falsa filosofia que se empenha em sustentar a **normalidade da anormalidade**, só encontrarão um obstáculo capaz de impedir a sua vertiginosa corrida na prática incondicionada da moral evangélica. Essa prática é obrigação de todos que se definem cristãos. No caso dos espíritas, volta-se a repetir, não pode mais ficar confinada ao recinto dos Centros e limitar-se aos trabalhos meramente assistenciais que, muitas vezes, se restringem ao auxílio material. O caráter universal do Evangelho exige que ele saia para fora das instituições religiosas, a fim de cumprir o seu papel social, confortando, dando esperança e promovendo a reforma do homem e da sociedade. Essa foi a intenção que moveu Jesus quando, imperativamente, ordenou a seus seguidores: *“Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda criatura”* (Marcos, 16:15).

•

A FEB e o Esperanto

Congresso da Associação Universal de Esperanto no Brasil

ISMAEL DE MIRANDA E SILVA

Pela segunda vez (a primeira foi em 1981, em Brasília-DF) esperantistas de todos os continentes, provenientes de 56 países, reuniram-se no Brasil, na cidade de Fortaleza (CE), de 3 a 10-8-02, para a festa máxima do esperantismo mundial.

O tema – *Diversidade – oportunidade e não uma ameaça* – procurou focalizar o inapreciável valor do Esperanto como instrumento lingüístico ideal para que se possa atingir o estágio universalista de civilização a que a Humanidade inexoravelmente se encaminha, preservando-se todavia as características individuais das diferentes culturas que evidenciam as identidades, as peculiaridades dos povos, as raças, dos diferentes grupos que compõem a família humana.

Vale a pena aqui transcrever pequeno trecho da introdução ao tema, da autoria de Humphrey Tonkin e Jane Edwards, o qual como que traça os rumos das discussões e teses apresentadas no certame: *Se admitimos que a diversidade lingüística constitui-se, por si só, num fator que confere ao mundo um rico colorido e que ajuda a proteger os homens contra a alienação e a falta de raízes da vida moderna, também devemos nós, os esperantistas, reconhecer que a diversidade lingüística é igualmente, em outro sentido, uma praga, cujo espectro já vem assombrando o mundo desde alguns séculos, dificultando a inter-*

compreensão e a criação de valores comuns. Será que o Esperanto, que lança pontes sobre as diferenças lingüísticas, sem desprezar-lhes a existência, e que funciona como elemento de união nessa diversidade, não traz a real solução para esse dilema, bem como um modelo para a solução de outros problemas semelhantes?

Riquíssimo programa desenvolveu-se naqueles oito dias de conagração da família esperantista mundial, cujos membros ofereceram ao mundo, não obstante sua consternadora indiferença, a mais cabal demonstração das excelências do Esperanto, como língua verdadeiramente internacional, e dos seus elevados ideais de aproximação dos homens por sobre quaisquer diferenças: perfeita compreensão entre todos, sem qualquer necessidade de intérpretes, tradutores, guias, máquinas de tradução e outros prejuízos decorrentes da multiplicidade de línguas, para não falar do clima de pura fraternidade, respeito recíproco pela individualidade, apreço pelas características próprias de cada grupo, de cada indivíduo.

Não deixaremos de aqui mencionar um dos mais fecundos itens do evento: a Universidade Internacional do Congresso, que teve como reitor o eminente esperantista brasileiro, Prof. José Passini.

Essa tradicional atividade dos congressos mundiais de Esperanto oferece preleções de ilustres esperantistas sobre temas ligados às suas especializações no campo do conhecimento, todas em excelente Esperanto, acessíveis aos congressistas e, como acima frisamos, sem quaisquer serviços, por absolutamente desnecessários, de interpretação e tradução. Muitos esperantistas brasileiros ali pontificaram, a saber: Prof. Geraldo Mattos, sobre “*Semântica natural e sintaxe cultural*”; Dr. César Oliveira de Barros Leal, sobre “*O esgotamento da prisão e a resposta eficaz das penas alternativas*”; Dr. Adonis M. Saliba Silva, sobre “*Corrosão de metais e métodos anticorrosivos*”; Dr. Ismael Mattos Andrade Ávila, sobre “*Avaliação semiótica de uma língua artificial*”; e o Dr. Roberto Resende, sobre “*Os modernos implantes dentários*”.

O evento também foi prestigiado pelas manifestações das esferas governamentais do Ceará, ali representadas pelo Dr. Beni Veras, Governador do Estado e Alto Protetor do Congresso, e pelo Dr. Juraci Magalhães, Prefeito de Fortaleza. Além dessas autoridades, também se fez representar o Exmo. Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, na pessoa do General de Exército Alberto Cardoso, Ministro-Chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, que, em bom Esperanto, dirigiu encorajadora alocução aos congressistas. Como se sabe, o General Alberto Cardoso é velho conhecido dos espíritas de Brasília pelo seu trabalho persistente e dedicado junto ao Hospital Espírita da Capital Federal.

As atividades dos espíritas no Congresso desenvolveram-se no Salão Ivo Lapenna, no dia 8 de agosto, quando aos congressistas foi proporcionado um substancioso programa, sob os auspícios da Federação Espírita Brasileira, da Sociedade Editora Espírita F. V. Lorenz e da Associação Mundo Espírita (AME), com a seguinte pauta:

- abertura – Prece inicial;
- apresentação dos livros do pentatêuco kardequiano, com ênfase para *La Genezo* (*A Gênese*, em Esperanto), a última obra do fundamento espírita vertida para a Língua Internacional Neutra;
- apresentação do livro *Nova Aroro*, versão em Esperanto do livro *Nova Alvorada*, ditado pelo Espírito Cairbar Schutel ao médium Abel Glaser;
- leitura de mensagem do Diretor do Departamento de Esperanto da FEB, Afonso Soares:
 - duas pequenas palestras sobre temas científico e filosófico;
 - declamação, por Neyde de Barros Rego, do poema *Se estas paco...*, versão em Esperanto, por Sylla Chaves, do original “*Se há tanta paz...*”, de Luna Fernandes;
 - distribuição gratuita de exemplares de *La Libro de la Spiritoj*, *La Evangelio la 9 Spiritismo*, *La Oielo kaj la Infero*, num total de 400 livros, bem como de diversas mensa-

gens.

Convém destacar que o Dr. Renato Corsetti, Presidente da Associação Universal de Esperanto, gentilmente aquiesceu ao convite para tomar parte na reunião dos espíritas, nela permanecendo até o seu final.

Para finalizar, um testemunho que não podemos silenciar. Como representante da FEB, já assistimos a 16 Sessões Solenes de Encerramento dos Congressos Universais de Esperanto. Nessas ocasiões, um congressista de cada país ali representado é convidado a apresentar sua saudação de despedida. Tais alocações são invariavelmente protocolares, frias, lacônicas. Mas em Fortaleza foi diferente. 51 dos 56 representantes se alongaram em alusões calorosas à boa acolhida dos cearenses, dos brasileiros em geral, enaltecendo não só as belezas naturais de nossa terra como também a amizade, a camaradagem, o pronto atendimento, a fidalguia de todos, tanto no Congresso como na cidade e durante as excursões em outras localidades. Não hesitamos em afirmar que o ambiente espiritual no 87o Congresso Universal de Esperanto excedeu todas as expectativas, como aliás foi confirmado pelo Espírito do valoroso esperantista Nelson Pereira de Souza (irmão de Délio Pereira de Souza, da Sociedade Lorenz), em mensagem ditada psicograficamente durante a reunião dos espíritas.

Vai-se confirmando a destinação histórica da Nação Brasileira, como Coração do Mundo, Pátria do Evangelho. A semente ardente, constante e sincera dos espíritas brasileiros em favor do Esperanto não se tem centrado exclusivamente na difusão do Espiritismo além de nossas fronteiras, mas também muito tem contribuído para o enriquecimento da prática do puro esperantismo, dando ênfase aos princípios da fraternidade e da justiça entre os povos que avultam no seu luminoso ideário.

Finalizemos com a bela exortação do Espírito de Francisco Valdomiro Lorenz na mensagem “O Esperanto como Revelação”, ditada ao médium Chico Xavier em 19 de janeiro de 1959:

“Atendamos, desse modo, nós outros, espiritualistas e espíritas, encarnados e desencarnados, ao incremento do Esperanto, em simultaneidade com o esforço de restaurar as colunas do Cristianismo, por santuário vivo da Religião Universal, em bases de amor e sabedoria, no terreno da Bondade Imensurável de Deus e Sua Justiça Indefectível.”

•

FEB – Departamento de Infância e Juventude

IV Encontro Nacional de Diretores de DIJ

Em nossa edição de setembro (p. 13), publicamos uma síntese das atividades desenvolvidas no IV Encontro Nacional de Diretores de DIJ, promovido pelo Departamento de Infância e Juventude da Federação Espírita Brasileira, em Brasília, no período de 26 a 28 de julho deste ano. Retomamos o assunto para oferecer aos leitores informações mais detalhadas sobre alguns aspectos do evento.

O IV Encontro de Diretores de Departamentos de Infância e Juventude possibilitou a reunião de 98 representantes das Federativas Estaduais na sede da Federação Espírita Brasileira, em Brasília, para intenso trabalho voltado principalmente ao estudo e ao intercâmbio de experiências que possibilitem a dinamização da tarefa de evangelização espírita da criança e do jovem. Participaram, também: pela Federação Espírita Portuguesa – Adriano José da Fonseca Barros e Maria Emília Lopes de Almeida Barros; pela Confederação Espiritista Argentina: Fernando Quaglia.

Buscou-se, nos três dias de trabalho, refletir sobre os rumos da evangelização espírita infanto-juvenil no Brasil; traçar metas para o desenvolvimento da evangelização com vistas a agregar pais, dirigentes e evangelizadores em torno dos seus objetivos; propor ações a serem realizadas pelos Estados para dinamizar a Campanha de Evangelização; examinar a importância da afetividade nas atividades da evangelização, valorizando o compromisso com a tarefa, e trocar experiências, apresentando ati-

vidades inovadoras que venham a acrescentar valores à evangelização.

ENTREVISTA

Após a abertura do Encontro, na tarde de 26 de julho, realizou-se uma entrevista sobre “a Evangelização Ontem”, dirigida por Rute Vieira Ribeiro, Diretora do DIJ/FEB, com a colaboração de Carlos Roberto Campetti, da qual participaram Cecília Rocha (FEB), Darcy Neves Moreira (RJ), Wallace Fernando Neves (ES), Carolina Flor de Mattos (SP), Sandra Maria Borba Pereira (RN), Nélia Salles (BA) e Gladis Pedersen de Oliveira (RS). O Presidente Nestor João Masotti e o Vice Altivo Ferreira deram, também, seus depoimentos.

Na entrevista, diversos assuntos foram ventilados; entre eles, o surgimento e disseminação das primeiras escolas de evangelização e mocidades espíritas no Brasil; o trabalho pioneiro do Rio Grande do Sul; os primeiros cursos de preparação de evangelizadores; o envolvimento da FEB e do Conselho Federativo Nacional com a tarefa; a organização e lançamento da Campanha Permanente de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil.

PROJETOS

Divididos em grupos, os participantes do evento trabalharam na elaboração de projetos relacionados com os seguintes temas: *Dinamização da Campanha de Evangelização, Capacitação do Evangelizador, Currículo para as Escolas de Evangelização Infanto-Juvenil/FEB – 1997, Evangelização e Família e Avaliação.*

Os projetos foram apresentados em plenário e oferecidos às Federativas como subsídios para a dinamização da tarefa de evangelização em suas áreas de atuação.

Metas para a EVANGELIZAÇÃO

As metas foram retiradas dos Projetos elaborados pelos participantes do Encontro e estão programadas para serem cumpridas até o ano de 2007, quando seus resultados deverão ser avaliados no V Encontro Nacional de Diretores de DIJ.

São cinco as metas:

1. Finalizado o Projeto “Evangelização e Família”, o número de pais envolvidos no processo de evangelização/educação espírita das crianças e jovens deverá ser de, no mínimo, 30% do total de evangelizando;
2. O projeto “Capacitação de Evangelizadores” deverá atingir 100% dos evangelizadores envolvidos na tarefa;
3. O Projeto “Dinamização da Campanha Permanente de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil” deverá inserir novos estímulos que revitalizem e promovam o aumento do seu ciclo de vida;
4. Mecanismos de avaliação serão implementados com vistas a diagnosticar e sistematizar as ações que possibilitem melhores resultados no trabalho da Evangelização Espírita Infanto-Juvenil;
5. Ações serão empreendidas no sentido de tornar conhecido, na Casa Espírita, o *Currículo para Escolas de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil/DIJ-FEB.*

A Oração

MAURO PAIVA FONSECA

Nas horas silenciosas da noite, quando as fadigas do dia te convidarem ao repouso indispensável, eleva, na serenidade da alcova, o pensamento ao Criador. Confia a Ele os anseios de tua alma, as aflições e angústias do teu coração, suplicando seu perdão para as fraquezas e imperfeições que ainda não conseguiste vencer.

Na tua prece, observa o ensino do modelo de virtude que é Jesus, e não imponhas as soluções acalentadas pelo teu pensamento. Os Espíritos superiores, encarregados de fazer cumprir os desígnios do Altíssimo, conhecem, melhor do que nós próprios, as necessidades que nos são inerentes e nos socorrerão consoante o melhor aproveitamento das circunstâncias, no que concerne ao progresso que nos compete alcançar. Por isso, como recomenda o Divino Mestre, “Ora e Espera!” Não te impacientes buscando o imediatismo da solução.

Ao te dirigires àquele que é a origem da vida, inquire a consciência para saber se tuas súplicas estão respaldadas por uma observação reta de tua conduta, no que diz respeito aos direitos de teus irmãos.

Mesmo confiante na infinita bondade e misericórdia do Supremo Poder, não te esqueças da mensagem do Divino Amigo que nos recomenda: “Vigiai e Orai!” •

Entrevista: Juan Antonio Durante

O Espiritismo na Argentina

Juan Antonio Durante, Vice-Presidente da Confederação Espiritista Argentina, representou seu país na 8ª Reunião Ordinária do Conselho Espírita Internacional, em Brasília. Na oportunidade, Antonio Cesar Perri de Carvalho entrevistou-o sobre o Movimento Espírita daquele país.

P – A centenária Confederação Espiritista Argentina conta com quantas Instituições adesas?

JAD – O total de instituições adesas são 69, sendo: 38 sociedades espíritas e 31 grupos denominados Secretarias de Propaganda. Na Capital Federal são 16 instituições. Também se encontram adesas as seguintes Federações: Federação Argentina de Mulheres Espíritas (Fademe); Federação Espírita Juvenil Argentina (FEJA) e Federação do Sul da Província de Buenos Aires (FESBA).

P – Há Instituições Espíritas em todas as províncias ou se concentram em algumas regiões?

JAD – Se considerarmos a importância que foi o Movimento Espírita Argentino no passado, com pesar, devemos concluir que na atualidade este tem diminuído consideravelmente, tanto em número de Instituições como de adeptos. Por razões que não

vêm ao caso analisar neste momento, tem-se acentuado por causa da situação socioeconômica que vive nosso país, que torna mais difícil a presença da CEA nas diferentes províncias onde existe algum Centro Espírita. Não obstante, estamos empenhados e confiantes que em um tempo não distante, lograremos expandir nosso Movimento, pois não deixamos de considerar que sendo os Espíritos Superiores os que em realidade o dirigem, somente fazem falta voluntários dispostos, para, dessa forma, lograr a tão ansiada unificação do Movimento Espírita argentino. Por hora, estamos trabalhando pela aproximação, com os fins propostos anteriormente.

P – Quais são as características de atuação das Instituições Espíritas argentinas?

JAD – Desde a chegada do conhecimento espírita à Argentina, em 1870, os grupos que aderiram à nova idéia, quase todos compostos por intelectuais, logo se constituíram em Instituições, pois a mais antiga de que temos conhecimento data de 1880. Estas se caracterizaram pela dedicação ao estudo doutrinário, que se tem mantido até o presente, em razão de ser o Espiritismo uma ciência que deve ser aprofundada nesse seu aspecto, não poderia considerar-se como tal na ausência do estudo correspondente, sem que isto aconteça em detrimento das demais características doutrinárias. Isto tem permitido a muita gente que se manteve em contato com o Movimento Espiritista argentino, erroneamente, deduzir que seus componentes eram estritamente científicos, desvirtuando o fato de que a divulgação e estudo do Espiritismo se fazem sobre a base do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE).

P – Há preconceito contra as Instituições Espíritas ou contra o pensamento espírita?

JAD – Em país onde existe uma religião oficial, todos os demais pensamentos religiosos são de alguma forma combatidos, ou pelo menos, dificultados em suas ações. Há muitos anos, as Instituições Espíritas devem registrar-se no Cadastro de Cultos não Católicos, vinculado ao Ministério de Relações Exteriores e Culto, de onde, de forma velada, se controla os componentes de nossas e de outras Instituições. Desde logo, porém, não se deve desconhecer que é uma lei vigente. Quanto ao preconceito em si, efetivamente existe, e o observamos não só nos comentários do vulgo, como também em forma quase expressa em qualquer intervenção de um dirigente espírita em alguma entrevista televisiva para o que, por outro lado, não somos convidados com frequência.

P – Quais são as principais ações programadas para a CEA?

JAD – O Presidente da CEA, Dr. Felix Renaud, tem solicitado que nos empenhemos na divulgação e no ensino do Espiritismo. Este último é realizado através do Instituto de Ensino Espírita da CEA e por meio de seminários e conferências públicas, dentro das Instituições Espíritas ou em lugares não comprometidos com o Espiritismo, com o objetivo de chamar a atenção sobre o mesmo. Por outro lado, estamos dedicando nossos maiores esforços pela aproximação das Casas Espíritas que hoje não estão adesas à CEA e que já estiveram, e outras, com o objetivo de organizarmos um Movimento mais próspero e sem perder de vista o objetivo final que é, justamente, a unificação.

P – Como vê o desenvolvimento do Conselho Espírita Internacional?

JAD – Desde os momentos de sua fundação, na qual a Argentina tomou parte desde os primeiros esboços nesse sentido, porque estimamos que era necessária uma Instituição que nos representasse no âmbito mundial, temos acompanhado o notável desenvolvimento que o CEI tem tido e estamos seguros de que alcançará níveis nunca imaginados. As próprias características das Casas Espíritas, que não têm a possibilidade de se projetar em forma numérica na sociedade onde se situam, com exceção feita ao Brasil, necessitavam do respaldo e apoio de uma organização desse teor por-

quanto sua projeção internacional permite avaliar, em meio a uma sociedade imediatista como a em que vivemos, a importância de uma idéia tão profunda como é a Doutrina Espírita. Convenhamos que estamos em um mundo de matéria e são necessárias determinadas representações para que possamos ser respeitados adequadamente.

P – Com base na sua experiência no Movimento Espírita, como vê as perspectivas de expansão do Espiritismo?

JAD – Nossa atividade no Movimento Espírita Internacional tem quase cinco décadas, o que nos tem permitido observar, com muita alegria, a expansão realizada pelo Espiritismo, no mundo inteiro. Recordamos que no princípio de nossa atividade, os movimentos nacionais eram relativamente interessantes, mas faltava a comunicação entre eles, de forma mais fluida, coisa que hoje a tecnologia e a cibernética nos favorecem de maneira importante e consideramos que a mídia, apesar de suas informações nem sempre ajustadas à verdade, assim como a cinematografia, têm colaborado nesta expansão, não de forma direta, mas sempre com utilidade. Em conseqüência, somos profundamente otimistas nesse sentido, porque diante das necessidades de toda ordem em que vive o homem de hoje, somente o Espiritismo poderá oferecer-lhe as respostas de que ele necessita para encontrar a paz, ao tempo que compreenderá as razões de suas dificuldades atuais.

P – Palavras finais ao leitor de Reformador.

JAD – Uma das coisas mais gratas que aprendemos em nossa atividade espírita, além de outras muito importantes que nos ensinaram e nos ajudaram a viver, foi o desenvolvimento do sentimento de fraternidade. Embora seja recomendado por quase todas as religiões, o Espiritismo nos permite vivenciar esse legítimo sentimento de amor que se põe manifesto em qualquer de nossas reuniões e ações. Para quem, como no Brasil espírita, tem uma bagagem de experiências tão importante, em razão de ser esse país “a pátria do Evangelho e o coração do mundo”, tem assumido uma responsabilidade muito grande e consideramos que a está cumprindo com generosidade e respeito, pois tem permitido que outros povos do mundo, como se evidencia no presente, recebam dali multiplicidade de elementos de trabalho, de ensino e de orientações que, não duvidamos, nos tem servido a todos como elementos para o desenvolvimento de nós mesmos, de forma individual e em geral. Desejamos, aos nobres trabalhadores espíritas, desde a Federação Espírita Brasileira que nos tem estendido a mão amiga, que continuem se dedicando em favor de todos aqueles que estão sedentos de conhecimento e de paz e devemos assinalar que essa Casa tem contribuído muito generosamente para diminuir e atenuar essas necessidades, expandindo pelo mundo a monumental tarefa do livro e demais publicações que facilitaram nosso desenvolvimento. E para os amigos companheiros de ideal desse enorme território brasileiro, fazemos chegar nossos votos de muita paz e progresso espiritual.

•

Eutanásia: Ato abominável, Crime hediondo...

ROGÉRIO COELHO

“(...) A batalha contra a morte será vencida pela Vida Espiritual, que é real e eterna, da qual tudo procede e para cujos círculos retorna”.

Joanna de Ângelis¹

Paradoxalmente, enquanto muitos abnegados homens da Ciência se debruçam sobre seus tubos de ensaios, movimentando sofisticada parafernália tecnológica em busca de vacinas e imunizadores que visam dilatar a vida, legisla-dores de países considerados do primeiro mundo estabelecem leis desumanas e sórdidas que tornam “legal”, mas jamais “moral”, a eutanásia, esse ato execrável...

Como pode o homem arrogar-se o direito de decidir o que é da alçada de

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹ FRANCO, Divaldo P. Nascente de Bênçãos. Leal – Salvador (BA).

² Idem, Ibidem.

Deus?!... Não podemos olvidar que ainda estamos reencarnando em mundo de provas e expiações, portanto, cada criatura tem seus débitos cármicos, sabe-se lá em que quantidade... Mas o resgate não vem apartado da misericórdia de Deus, e por mais pungentes e excruciantes sejam as dores de um moribundo, cumpre que se lhe dê a chance de esvurmar as feridas da alma e esgotar seu cálice de provações até à última gota, segundo os desígnios do Pai.

Somente uma obtusa cultura materialista, escaldada em soez hedonismo em lixívia com o egoísmo, que nada vislumbra além do túmulo, pode acoroçoar a eutanásia considerando-a cômoda e lógica solução. Ledo engano!...

Segundo a nobre Mentora Joanna de Ângelis²,

“(...) o sofrimento, que muitas vezes acompanha o moribundo ou precede os momentos finais, é resultado de longos processos evolutivos necessários à sublimação do Espírito, que o experimentará conforme as próprias estruturas morais.

Dores acerbadas, em determinados indivíduos, são administradas com relativa nobreza, enquanto outras, de menor porte, constituem verdadeiro calvário para caracteres mais frágeis. Temperamentos pacíficos e comportamentos dóceis encaram as ocorrências afligentes e funestas como naturais, enfrentando-as com elevada resignação, no entanto, outros, de constituição agressiva e rebelde, presunçosa e vazia, aumentam o próprio tormento, mediante o desespero a que se entregam e à revolta que os dominam.

Todos os acontecimentos amargos e enfermidades extenuantes, degenerativas e desestruturadoras, fazem parte da agenda espiritual de cada pessoa, que a carrega, desde antes, em *razão do comportamento que adredemente se permitiu*.

Por isso, a necessidade de expungir, de recuperar o equilíbrio moral, de sofrer os danos causados a si mesmo e aos demais pela sua sistemática impulsividade, reconquistando o malbaratado patrimônio de saúde espiritual.

A morte com dignidade, conforme algumas pessoas pensam e planejam, jamais será aquela propiciada por agentes externos que apressam a consumpção do corpo. A dignidade está na maneira como é enfrentada a desencarnação, mesmo porque, após o silêncio sepulcral, a vida estuante aguarda o viandante com o patrimônio que lhe é próprio e não com os disfarces em que se oculta. Portanto, abreviar-se a morte de um paciente terminal, na suposição de que as suas são dores impossíveis de serem suportadas, é cometer hediondo crime contra a Vida e a Humanidade nele representada, já que ninguém se pode facultar a presunção de autor da existência para poder interrompê-la a bel-prazer.

É certo que há momentos ímpares de dor e angústia, mas os procedimentos médicos podem atenuá-los, auxiliando o ser a aguardar o momento da libertação, quando todas as energias estejam esgotadas e ele possa, por fim, librar-se feliz e recuperado para sempre de todas as aflições.

Jamais se terá como lícita a interrupção da vida carnal. Se o paciente a solicita e é atendido, ei-lo na condição de suicida, e aquele que o auxiliou no trespassse torna-se um homicida consciente. Se foram os seus familiares, justificando o excesso de despesas com a manutenção do enfermo, ou por compaixão, ou pensando em oferecer-lhe suavidade nos momentos finais, esses eufemismos de comportamento constituem grave homicídio também.

A Divindade estabeleceu leis que orientam todas as ocorrências no Universo, particularmente no que diz respeito à conduta moral e espiritual dos seres inteligentes reencarnados. Ninguém, portanto, pode-se atribuir poderes divinos e estabelecer conclusões absolutas em torno dos fenômenos humanos, conseguindo o arbítrio de decidir entre os que devem viver e aqueles que devem morrer, vez que tal decisão é de Deus e todo aquele que assume a responsabilidade de fazê-lo responderá pelas suas sinistras conseqüências.

Preocupado com a palpitante questão da eutanásia, Allan Kardec interrogou o Espírito São Luís, em 1860, se cabe ao homem interromper os sofrimentos de alguém que os padece superlativamente; e o Benfeitor da Humanidade redargüiu que os momentos finais, como verdadeiro relâmpago, podem ensejar ao moribundo lucidez, como ocorre, com freqüência, para o arrependimento que o auxiliará na Vida-após-o-corpo, despertando mais feliz... Ademais, acrescentou que todos os momentos vividos nessa etapa final são de relevante significado para o ser em processo de libertação.

A preocupação, naqueles passados anos, com a eutanásia, já mereceu das Entidades Venerandas a opinião definitiva em torno do ato abominável.

Jamais, portanto, será justificável a aplicação de procedimentos mutiladores da vida orgânica, quando o paciente encontrar-se na etapa final ou antes dela, devendo-se sempre aguardar que se cumpram as determinações da vida para a felicidade do Espírito que retorna ao Lar e daqueles que lhe dão a conveniente e misericordiosa assistência do amor”.

•

Hora Extrema

Quando exalei meus últimos alentos
Nesse mundo de mágoas e de dores,
Senti meu ser fugindo aos amargores
Dos meus dias tristonhos, nevoentos.

A tortura dos últimos momentos
Era o fim dos meus sonhos promissores,
Do meu viver sem luz, sem paz, sem flores,
Que se extinguia em atos sofrimentos.

Senti, porém, minhalma sofredora
Mergulhada nas brisas de uma aurora,
Sem as sombras da dor e da agonia...

Então parti, serena e jubilosa,
Em demanda da estrada esplendorosa
Que nos conduz às plagas da harmonia!

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Parnaso de Além-Túmulo*. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002, p. 152. Edição Comemorativa dos 70 anos.

Fluidos e Campos

SÉRGIO THIESEN

Na resposta à pergunta número 27 de *O Livro dos Espíritos*, os Espíritos introduzem a idéia de fluido universal, incluindo-o, junto com a matéria propriamente dita e o espírito, como um dos elementos constitutivos do Universo. A matéria, sob o ponto de vista macroscópico é dividida em sólidos e fluidos. A palavra fluido hoje só é utilizada para substâncias, como os gases, os líquidos e o plasma, que é um gás altamente ionizado e importantíssimo constituinte das estrelas. O ectoplasma, bem conhecido das reuniões de “efeitos físicos” ou ectoplasma, este sim é um fluido, segundo uma terminologia atual. Fluidos são substâncias que podem escoar. Portanto, os Espíritos estavam se referindo a outra coisa, possivelmente energia ou campo, que são noções hoje bem definidas. Energia e campo permeiam todo o Universo conhecido. A sugestão de que seria algo distinto decorre da idéia, expressa na mesma resposta, comparando o fluido elétrico e o magnético como modificações do fluido universal. Não se usa mais o termo fluido elétrico desde que se verificou que este não é contínuo e sim granular, sendo a carga elétrica o grânulo fundamental. Esse quantum de carga é tão pequeno que não se manifesta em experiências do cotidiano, assim como não percebemos que o ar que respiramos é composto de átomos. Eletricidade e magnetismo, portanto, não

escoam (não são fluidos) mas, têm seus respectivos campos: campo elétrico e magnético.

Mas isso só foi conhecido depois de Kardec, que se utilizava das noções de Franklin e de seus contemporâneos. Na mesma resposta é dito que o fluido universal ou primitivo é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá.

Nesse ponto é importante verificarmos que a teoria eletromagnética moderna, desenvolvida por James Clerk Maxwell, é que explica essa união dos elementos que constituem a matéria. Esta teoria aborda o campo, a energia e a força elétrica, que descrevem corretamente: a) as forças que ligam os elétrons de um átomo ao seu núcleo; b) as forças que unem os átomos para formar as moléculas; e c) as forças que ligam os átomos e as moléculas entre si para formarem os sólidos e os líquidos.

Ou seja, a matéria que conhecemos é mantida assim estruturada pela união dos seus constituintes numa configuração estável pelas forças elétricas, geradas pelo campo eletromagnético. E o Universo conhecido para além da fronteira planetária – as estrelas, as galáxias, os conglomerados galácticos, o meio interestelar e intergaláctico – é permeado deste campo eletromagnético, tanto na faixa das frequências que compõem o espectro visível, como de microondas, raios gama, raios cósmicos, etc.

Mas, além das forças eletromagnética e da gravidade (e seus respectivos campos), o Universo e a Natureza são sustentados por outras duas forças (e seus respectivos campos): a de interação fraca (quando da conversão de nêutrons em prótons com emissão de um elétron e um antineutrino, também chamado decaimento beta) e a que vamos comentar a seguir. No núcleo dos átomos encontramos aquela força atrativa muito intensa, que mantém os prótons e os nêutrons unidos e que é chamada de força nuclear ou interação forte.

Caso essa força não existisse, o núcleo romper-se-ia imediatamente, por causa da forte repulsão elétrica existente entre os prótons. Como todo o universo *material* é composto de núcleos, ele não seria como é se esta força não existisse.

Por exemplo, a constituição básica das estrelas que povoam o Cosmo é de hidrogênio, que é o elemento mais primordial e fundamental, dentre todos os conhecidos e que são reunidos na tabela periódica. No centro das estrelas, onde a temperatura é altíssima, ocorre o processo de fusão termonuclear entre núcleos de hidrogênio (prótons) formando núcleos de hélio (prótons e nêutrons) graças à presença de interações nucleares fortes. E é esse processo o responsável pela energia das estrelas e pela irradiação de energia eletromagnética, a luz que cintila no firmamento, aqui chegando depois de cruzar distâncias imensas. Portanto, sem esse tipo de interação forte as estrelas não existiriam... Até agora, conhece-se apenas parcialmente a natureza desta força, a qual se constitui no problema central das atuais pesquisas no campo da Física Nuclear.

Portanto, esta resposta, em que os Espíritos abordam aquela característica do fluido universal de manter a matéria sem se dividir, faz-nos supor a íntima relação entre a força (ou energia, ou campo) eletromagnética e a forte (nuclear) com esse mesmo *fluido*. São os próprios Espíritos que afirmam ser o fluido universal de natureza *material* (grifo nosso) sutil e etérea. E para todos esses campos há a respectiva energia. E para que possamos continuar estabelecendo estas relações de conhecimento, sobre esta última afirmativa cabe ressaltar que a relação entre matéria e energia é hoje bem compreendida através da Teoria da Relatividade de Einstein, que foi desenvolvida várias décadas depois da Codificação e que postula a matéria como energia condensada.

Ainda sobre o fluido universal convém colocar a importante questão da teoria da Grande Unificação, quando se busca reunir todos os quatro tipos de força ou interações (eletromagnética, forte, fraca e gravitacional) já descritas na Natureza como originadas de uma Única Força ou Interação Fundamental. Existiria, pois, uma única

grande força ou campo que deve ser aquilo que eles, os Espíritos, desejavam adiantar como sendo, rotulada com o melhor termo da época (no vocabulário humano), o fluido uni-versal, do qual todos os outros derivariam. Convém lembrar que quem usou outro termo para aquilo que os Espíritos queriam dizer foi a Ciência, por estudos feitos depois de Kardec.

Quanto ao fluido vital, de grande importância na compreensão da realidade dos fenômenos de natureza biológica e mediúnica, vale lembrar que ele é também um derivativo do fluido cósmico universal e que só existe nas criaturas vivas, desde os organismos mais simples, uma célula isolada ou uma bactéria, em todos do reino vegetal e animal, assumindo maior complexidade no ser humano. Neste, é uma composição de um somatório dos campos eletromagnéticos gerados por todos os movimentos metabólicos das células que o compõe, pelas correntes iônicas das atividades eletrofisiológicas orgânicas, emitindo-o pelas moléculas e átomos que o estruturam e dos vórtices ou centros de força ou chakras do corpo etérico. Nesta realidade é campo, tipicamente. Mas, além disso, é fruto de algo fluídico mesmo, material em essência, que provém do duplo etérico, a parte mais próxima do corpo físico, mas que pertence ao perispírito e que só existe enquanto há vida. É o ectoplasma, que mesmo em quantidades sutis, invisível porque não condensado o suficiente, faz parte da realidade da encarnação humana. É este fluido vital que, movimentado nas atividades mediúnicas em geral, se torna imperioso no tratamento de entidades com perispíritos lesados, e que se contam aos milhares, por dramas do passado e da atualidade e que usufruem deste verdadeiro manancial de campos e fluidos do médium encarnado para sua recuperação, orquestrada e monitorada pelo Mundo Maior, que os assiste de perto com seu inexcedível amor.

•

O Homem e a Morte

Ao Homem disse, um dia, a Vaidade excitante:

– “És o rei da criação! A Terra toda é tua!...”

O Orgulho comparece e, presto, continua:

– “Ave, senhor da vida, altíssimo gigante!...”

Na sombra espessa, em torno, a Descrença acentua:

– “Nada existe, afinal, sem teu cetro brilhante...”

E a Fortuna declara: “Ordena, comandante!

Do meu áureo poder ninguém te destitua...”

E o Homem dá-se todo à carreira ilusória,

Bradando para os Céus em delírios de glória:

– “Deus, se existes, oh! Deus, jamais me sobrelevas!...”

Mas a Morte aparece e, num simples segundo,

Vê-se triste e sozinho o monarca do mundo,

Intimado a pensar no silêncio das trevas...

José Cirilo Chagas

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Poetas Redivivos*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, cap. 77, p. 110.

“A Figura de Comunicação de Francisco Cândido Xavier”

ARTUR DA TÁVOLA

Independente de qualquer posição pessoal, crença ou convicção, a figura de comunicação de Francisco Cândido Xavier percorre décadas da vida brasileira operando um fenômeno (refiro-me à comunicação terrena mesmo) de validade única, peculiar, originalíssima. Não vou, portanto, por falta de autoridade para tal, analisá-lo do ângulo religioso e sim as relações de sua figura de comunicação com o público.

Com todos os significantes necessários a já ter desaparecido ou ter-se isolado como um fenômeno passageiro, a figura de comunicação de Francisco Cândido Xavier, no entanto, ganha um significado profundo, duradouro, acima e além de paixões religiosas, doutrinas científicas ou interpretações metafísicas.

A inexistência de um tipo físico favorecedor funciona como outro curioso paradoxo a emergir da figura de comunicação de Chico Xavier. Aquele homem de fala mansa, peruca, acentuado estrabismo, pessoa de humildade e tolerância, não configura o tipo físico idealizado do líder religioso, do chefe de seita, do místico impressionante.

A clássica barba dos místicos ou a cabeleira descuidada ou o olhar penetrante e agudo dos líderes inexitem no visual de Chico Xavier. Acrescente-se a inexistência, em seu modo de vestir, de qualquer originalidade ou definição de estilo próprio ainda que contestador dos estilos formais e burgueses.

Não tem, portanto, Chico Xavier, nos aspectos externos e formais de sua figura de comunicação, nenhum dos elementos habitualmente consagrados como funcionais ou impressionantes dos aspectos externos do grande público, elementos de comunicação incorporados consciente ou inconscientemente por figuras importantes nas religiões. Até a figura do papa, líder de uma comunidade religiosa, é envolta em pompa e festa, estratégia visual destinada à maior pregnância de sua mensagem e à definição de sua posição como símbolo. Nem mesmo a mais decidida modéstia e humildade pessoal de vários papas são suficientes para que a figura papal se desvista da pompa e simbologia relativas ao reinado que representa. Até nas religiões orientais, menos pomposas, as figuras líderes são cercadas da visão carismática do líder.

Francisco Cândido Xavier, porém, representa uma espécie de antítese vitoriosa da figura carismática. Não tem, do ponto de vista externo ou visual, nenhum elemento característico. Até ao contrário. Pessoalmente, é o anticarisma. Funciona como símbolo de negação de qualquer pompa ou formalidade, um retorno talvez à pureza primitiva dos movimentos religiosos.

E no entanto emerge da figura dele uma das mais poderosas forças de identificação da vida brasileira. Ele é uma espécie de líder desvalido dos desvalidos, dos carentes, dos sofredores, dos não onipotentes, dos despreziosos, dos modestos, dos dispostos a perder para ganhar.

Curiosamente, tal posição é conquistada naturalmente e sem qualquer traço político direto de tomada de posição ao lado dos fracos num século em que a revolução social aparece como a tônica e como a grande aglutinadora dos movimentos humanos, inclusive os religiosos. Sem qualquer formulação política, sem qualquer mensagem diretamente relacionada com a exploração do homem, sem qualquer revolta direta e institucionalizada contra a miséria ou a injustiça, Francisco Cândido Xavier emerge com a força do perdão, da tolerância, da fraternidade real, da fraqueza forte, da fé, da humildade e do despojamento erigidos como regra de vida, como trabalho efetivo da caridade; da não pompa; da não hierarquia; da não violência em qualquer de suas manifestações, mesmo as disfarçadas em poder; glória, secretismo, hermetismo, iniciação, poder temporal ou promessa de vida eterna.

A figura de comunicação de Francisco Cândido Xavier emerge, portanto, de uma relação profunda e misteriosa com um certo modo de sentir do homem brasileiro, relação esta ainda insuficientemente estudada ou conhecida até mesmo pelos que a vivem, comandam ou exercem. Até mesmo para ele, Francisco, deve haver muita coisa envolta em mistério, um mistério que os seguidores dele tentam definir e enchem-se de explicações científicas ou cientificizantes, religiosas ou religiosisantes, psicológicas, parapsicológicas ou parapsicologizantes.

Para tal contribui, além do aspecto misterioso da psicografia e da relação com os que morreram, a igualmente misteriosa aura de paz e pacificação que domina os que com ele se relacionam pessoalmente ou via meios de comunicação, na relação cuidada e cautelosa, equilibrada e pouco freqüente por ele mantida com a televisão, na qual aparece muito pouco, uma vez por ano no máximo e sempre para grandes públicos.

Além da aura de paz e pacificação que parte dele, há um outro elemento poderoso a explicar o fascínio e a durabilidade da impressionante figura de comunicação de Francisco Cândido Xavier: a grande seriedade pessoal do médium, a dedicação integral de sua vida aos que sofrem e o desinteresse material absoluto. A canalização de todo o dinheiro levantado em direitos autorais para as variadíssimas atividades assis-

tenciais espíritas dão a Chico Xavier uma autoridade moral – tanto maior porque não reivindicada por ele – que o coloca entre os grandes líderes religiosos do nosso tempo.

Quem se aproximar da atividade real de assistência material e espiritual da comunidade espiritualista brasileira verificará que ela é íntegra e heróica, tal e qual o que há e sempre houve de melhor em assistência de religiões como a católica e a protestante (entre nós), prodígios de dedicação, silêncio e humildade que justificam as vidas dos que delas participam.

Síntese final:

A integridade pessoal; a íntima relação entre a pregação e a própria vida; a honestidade de seus seguidores; a ausência completa de significantes externos; o contato com o mistério; a ausência de qualquer forma de violência em sua figura e pregação; a nenhuma subordinação a hierarquias aprisionantes; a discrição pessoal; a nenhuma procura de poder político, temporal ou econômico para o desempenho da própria missão; as formas originais de organização interna do seu movimento, sem personalismos ou autoritarismos – tudo isso gera uma figura de comunicação de alta força, mistério, empatia e grandeza moral, principalmente se considerarmos que enfrentou e ultrapassou tempos diferentes do atual (no qual o ecumenismo felizmente impôs-se). Antes, manifestações como as dele eram removidas como bruxaria ou perigosa, ou bárbaras ou alucinantes quaisquer manifestações místico-religiosas diferentes ou discrepantes da religião da classe dominante.”

Fonte: **Jornal O Globo, do Rio de Janeiro, de 26-5-1980. (Transcrito de Reformador de junho de 1980, p. 192.)** •

Os Adolescentes e a Família

MAURO PAIVA FONSECA

“**M**esmo com o conflito de gerações entre pais e filhos, 85% dos jovens consideram a família a instituição com mais responsabilidade pela garantia de seus direitos e bem-estar. Por mais incrível que possa parecer, estar com o pai, a mãe, irmãos, avós e tios faz com que 70% dos adolescentes sintam-se mais felizes, enquanto brigar com a família é o principal motivo de infelicidade para 61% deles.

Os dados representam uma das surpresas da pesquisa A Voz dos Adolescentes, divulgada na manhã de ontem [30 de julho] pelo Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), durante coletiva à Imprensa, em São Paulo.

Realizado pelo Unicef e pela empresa Fator OM, como parte das comemorações dos 12 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente, celebrados no dia 13 deste mês [julho], o levantamento deu ouvidos a 5.280 adolescentes de 12 a 17 anos de todo o Brasil, universo este que representa os cerca de 21,2 milhões de jovens que vivem em território nacional.

A pesquisa traz notícias boas como a visão do jovem sobre a importância da família como instituição social. Um total de 95% dos entrevistados classificou o núcleo familiar como instituição importante. A opinião se repete nas diversas faixas de renda e regiões. Deve ser um alívio para os pais saber ainda que para 54% dos jovens a família é a fonte de informações esclarecedoras sobre sexualidade, perdendo de amigos e mídia, que ficaram com 46%. E que 84% consideram justa a forma como os pais os corrigem. (...).”

Fonte: Jornal A Tribuna, de Santos (SP), de 31 de julho de 2002. •

Seara Espírita

Bahia: Congresso Espírita

A Federação Espírita do Estado da Bahia promoveu no Centro de Convenções, em Salvador, no período de 31 de outubro a 3 de novembro corrente, o XI Congresso Espírita da Bahia, tendo como tema central *Espiritualidade, Cidadania e Paz*. Constaram da programação: 1o Fórum Espírita Universitário da Bahia, Seminário sobre Família, Encontro de Grupo de Pais, Homenagem Artístico-Literária a Francisco Cândido Xavier, além de outras atividades. Participaram como expositores: Octávio Ulisseya (PR), Suely Caldas Schubert (MG), Orson Peter Carrara (SP), Gezsler West (PE), César Soares dos Reis (RJ), Jason de Camargo (RS), Alberto Ribeiro de Almeida (PA), Zalmir Zimmermann (SP), Mércia Almeida (RN) e outros.

Paraná: Inter-Regional Norte

Ocorreu em Arapongas, no dia 20 de outubro, a Reunião Inter-Regional Norte, promovida pela Federação Espírita do Paraná, em conjunto com a Comissão Inter-Regional. Constaram do programa um Seminário Geral, com o Presidente Maurício Roberto Sil-

va, e quatro Seminários Setoriais, com os expositores Luiz Henrique da Silva, Terezi-
nha Colle, Maria Helena Marcon, Wilson Reis Filhos e Shou Wen Allegretti.

CEI: Coordenadoria da América do Norte

A Comissão Executiva do Conselho Espírita Internacional e a Coordenadoria da América do Norte, cujo coordenador é Vanderlei Marques, Presidente do Conselho Espírita dos Estados Unidos, realizaram, em agosto, uma série de atividades, com o objetivo de estruturar e dinamizar a referida Coordenadoria, nos seguintes países:

México (ver nossa edição de outubro, p. 20).

Estados Unidos: Visita e palestras em instituições espíritas de Rockville (Maryland), New York e New Jersey. 1o Encontro Espírita de Massachusetts, em Somerville nos dias 31 de agosto e 1o de setembro. O Secretário-Geral do CEI foi representado por Antonio Cesar Perri de Carvalho, Assessor de Comunicação da Comissão Executiva.

Canadá: Reunião em Montreal com dirigentes e colaboradores de grupos espíritas da Província de Quebec, na sede do *Moviment Spiritiste Québécois*, em 29 de agosto.

Pernambuco: Mostra Espírita

Com cerca de 2.500 participantes, realizou-se no Teatro Guararapes, do Centro de Convenções de Pernambuco, de 20 a 22 de setembro, a 10a Mostra Espírita, promovida pela Federação Espírita Pernambucana. O tema central – *Conheça o Espiritismo: O Cristianismo Redivivo* – foi desenvolvido através de palestras, painéis e simpósio, pelos expositores: Juselma Maria Coelho (MG), Francisco de Assis Rodrigues (PE), Jason de Camargo (RS), Umberto Ferreira (GO), Humberto Vasconcelos (PE), Djalma Mota Argollo (BA), Karla Júlio Marcelino (PE) e Liszt Rangel (PE). A Federação Espírita Brasileira foi representada pelo Vice-Presidente Altivo Ferreira.

Portugal: Congresso Nacional de Espiritismo

A Federação Espírita Portuguesa promove, no período de 1o a 3 do corrente mês, o 4º Congresso Nacional de Espiritismo, no Fórum da Câmara Municipal de Maia, nos arredores do Porto, com o tema *Espiritismo: Novo Desafio para a Ética do Pensamento Humano*, desdobrado em diversos subtemas relacionados com os aspectos Filosofia, Ciência e Religião.

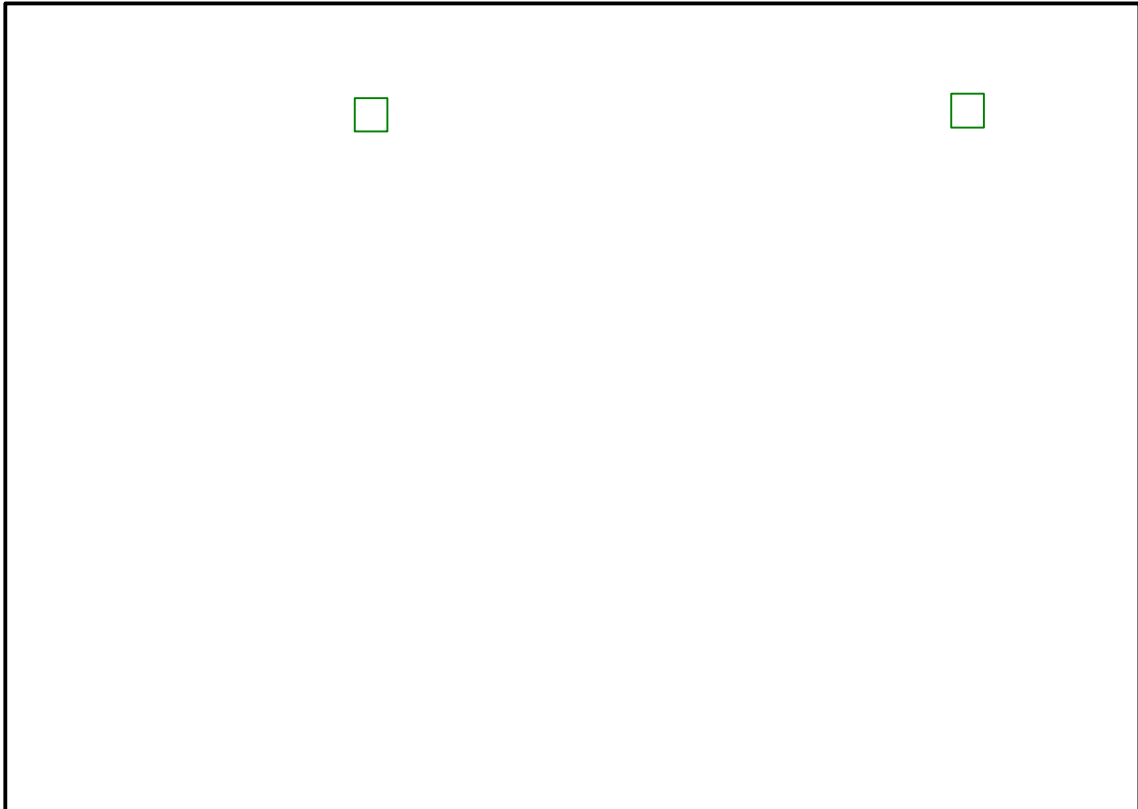
Amazonas: Encontro sobre Unificação

A Federação Espírita Amazonense promoveu nos dias 7 e 8 de setembro, em seu auditório, um Encontro de Dirigentes Espíritas sobre Unificação. O objetivo do evento foi proporcionar reflexão e debate sobre prática da Unificação, relembrar fundamentos espíritas e fortalecer os laços de união dos trabalhadores espíritas.

Rio de Janeiro: Simpósio sobre Assistência e Promoção Social

A Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro promoveu no Grêmio Espírita de Beneficência (GEB), de Barra do Piraí, em 29 de setembro, o II Simpósio Fluminense do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, com o tema *O Idoso e o Espiritismo*, cujos subtemas foram desenvolvidos pelos expositores: José Carlos da Silva Silveira (FEB), Edgard Monteiro Machado (CAPEMI), Angelina Marins (GEB) e Altivo Ferreira (FEB).





SEJA SÓCIO DA FEB

A FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA é instituição sem fins lucrativos, de caráter nacional, dedicada ao estudo e difusão da Doutrina Espírita, por sua divulgação e apoio ao Movimento Espírita nacional e internacional.

Associe-se à Instituição, como sócio contribuinte, colaborando para a tarefa a que se propõe realizar na causa do bem e na prática da caridade. Basta preencher este cupom e colocá-lo no correio; não precisa selar. A cada trimestre você decide o valor de sua contribuição. Indique a seguir o valor para o trimestre inicial: **R\$.....** *

Nome

Endereço CEP

Município..... Estado.....País

Tel.: () Celular ()Fax

E-Mail..... Identidade.....CPF

Assinatura

* Valor mínimo trimestral de R\$ 15,00. Aguarde as boletas e instruções para pagamento.